



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANA PAULA CHAGAS MONTEIRO LEITE

**REVISÃO INTEGRATIVA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA GESTÁLTICA NO BRASIL
ENTRE 2004 E 2014**

Belém
2016

ANA PAULA CHAGAS MONTEIRO LEITE

**REVISÃO INTEGRATIVA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA GESTÁLTICA NO BRASIL
ENTRE 2004 E 2014**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará – UFPA para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Linha de pesquisa “Fenomenologia: teoria e clínica”.

Orientadora: Profa. Dra. Adelma Pimentel.

Belém
2016

DADOS DE CATALOGAÇÃO

ANA PAULA CHAGAS MONTEIRO LEITE

**REVISÃO INTEGRATIVA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA GESTÁLTICA NO BRASIL
ENTRE 2004 E 2014**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará – UFPA para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Adelma Pimentel (Orientadora)

Prof^a. Dr. Andres Antunez (USP)

Prof^a. Dr^a. Airle Miranda (UFPA)

A todos aqueles que, de alguma forma, me proporcionaram possibilidades de crescimento e aprendizado no encontro.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à Deus pelo dom da vida e da saúde que me é oportunizado a cada amanhecer e anoitecer. Sem o suspiro de vida, eu nada seria e nada poderia construir.

Agradeço, sem medida e tamanho, aos meus pais que me geraram, me deram afeto, cuidado e as melhores oportunidades de ensino e aprendizado desde muito pequena, nos primeiros livros oferecidos e ao longo de toda a trajetória escolar/acadêmica vivida sob a vigilância amorosa. A partir dessa inspiração, tomo *meu pai Frederico e minha mãe Cecilia* como minhas referências de sucesso e a certeza que apenas com dedicação, responsabilidade e perseverança se torna possível alcançar cada um dos meus sonhos.

Às minhas *irmãs Lila Mara e Jessica Neli*, que sempre me incentivaram a continuar mesmo quando me senti desanimada ou cansada, algumas vezes fazendo leituras e comentários sobre meus escritos, me dando apoio fraternal e amoroso para alcançar este objetivo.

Ao meu *esposo, Sérgio*, por todo o amor, companheirismo, apoio, fidelidade, amizade e compreensão aos inúmeros momentos em que estive ausente ou demasiadamente ocupada com leituras, horários incertos ou falhando em compromissos. Apenas seu amor tão genuíno é passível de aceitar minha necessidade de viver esse sonho, muitas vezes deixando de lado suas próprias demandas para que eu pudesse seguir nas tarefas e prazos tão apertados. Agradeço sua parceria, afago, colo e até mesmo seu apoio técnico em momentos de tanta angústia.

Agradeço a todos os professores da minha vida escolar e, em especial, aos do curso da minha amada Psicologia, que passaram pela minha vida e me ensinaram os primeiros passos nesta carreira tão importante para minha história. De alguns, tenho lembranças tão vivas que quase posso ver a postura em sala de aula me referenciando sobre o tipo de profissional que eu gostaria de ser. Agradeço em especial às professoras de Gestalt-terapia que, a partir de todo o amor que carregam a esta abordagem e posicionamento frente à vida, também me tocaram com sua forma de ser tão genuína: obrigada *Elizabeth Carvalho, Cintia Lavratti e Edilza Lobato*.

A minha *orientadora Adelma Pimentel*, por ser uma grande inspiração profissional para mim. Sua forma tão dedicada, responsável e comprometida com o

crescimento e melhoria da profissão, investindo em produção e qualificação pessoal e profissional me faz ter a certeza que a carreira acadêmica é verdadeiramente especial. Me sinto lisonjeada pela oportunidade de troca, diálogo, contato, bem como todas as suas contribuições para minha evolução e crescimento.

Meu obrigada as minhas amigadas construídas a partir da trajetória de constituição como profissional, que de alguma maneira me ensinaram mais a meu próprio respeito, além de me oportunizarem a troca de informações e construções teóricas permanentes. Obrigada *Vívian e Luciana Castelo*. Muito obrigada também as gestaltistas *Kamilly, Wanderléa, Márcia, Mylena, Wânia, Luciana Branco e Sandra*. Destaco meu agradecimento também às folhas da minha árvore, sempre presentes e companheiras na amizade e nessa carreira profissional que escolhemos seguir com tanto amor e respeito. A vocês, *Roberta, Monique, Adelina, Camila, Halia, Cinthia, Raquel, Mariana*, meu muito obrigada sempre.

As minhas amigadas construídas ao longo da vida, que de alguma maneira me acompanharam, me deram força e inspiração para permanecer focada, me confirmando na escolha deste processo. Agradeço à *Roberta, Daniely, Ana Carolina, Patrícia e Andréa*.

Também agradeço às *gestalt-terapeutas, Danielle Massucati e Krisley Guiomarino*, pelos encontros genuínos realizados até hoje. Cada uma, a sua maneira, me proporcionou o resgate de mim mesma, do amor próprio, da aceitação de tantos aspectos deturpados e agora em permanentes processos de integração. Obrigado, Kris, por se permitir, há tantos anos, ser um meio de me ajudar a ser uma pessoa melhor.

Às amigas que a dança do ventre também trouxe para minha vida, agradeço pela amizade, respeito e consideração que temos umas pelas outras, em especial agradeço à *Ludmilla* por me fazer ser uma mulher e profissional cada dia mais feliz.

E aos meus clientes, agradeço diariamente pela confiança em mim, no meu trabalho e no meu propósito de crer no poder de autorregulação de cada um, compartilhando histórias tão difíceis e tão magníficas, me ensinando a ver tudo sob uma nova perspectiva e ratificando minha escolha do exercício clínico na gestalt-terapia.

*[...] o que é selecionado e assimilado é sempre o novo; o organismo persiste pela
assimilação do novo, pela mudança e crescimento [...]
(PERLS, HEFFERLINE E GOODMAN, 1997, p. 44)*

RESUMO

Nesta dissertação, investigamos a produção científica nacional sobre o fazer clínico em Gestalt-terapia, analisando artigos científicos produzidos no Brasil na década compreendida entre 2004 a 2014 em busca das tendências metodológicas, formas de manejo psicoterapêutico e se as pesquisas seguem ou criam modelos teóricos na atuação dos gestalt-terapeutas. Nas bases de dados CAPES e BVS, Pepsic, Lilacs, Scielo e Bireme, com a palavra-chave “Gestalt-terapia”, identificamos 52 produções, **dentre as quais foram integralmente analisadas 45, com destaque** para a tendência metodológica da fenomenologia, sendo o exercício clínico compreendido pela noção de clínica ampliada e baseado na compreensão de campo, quando o gestalt-terapeuta é o próprio instrumento para intervenções, podendo ocorrer uso de recursos (experimentos, ludicidade, arteterapia) e/ou o apoio da rede de relações interpessoais do cliente. Observamos o acolhimento e o respeito no manejo clínico como parte do encontro genuíno profissional-cliente, sendo necessários na atuação do gestalt-terapeuta, assim como a aplicação da teoria de campo e organísmica e a compreensão de psicopatologia na ótica gestáltica. Destacamos dos artigos a importância da relação dialógica e o objetivo do processo psicoterápico pela ampliação da consciência e constituímos as linhas de pesquisa sobre metodologia qualitativa fenomenológico-existencial, sobre teoria da Gestalt-terapia e sobre contexto clínico, todavia sendo necessários mais estudos para abrangência de outras modalidades de produções científicas não contempladas neste recorte teórico.

Palavras-chave: Gestalt-terapia; revisão integrativa; manejo clínico; método; teorias.

ABSTRACT

In this thesis, we investigate the scientific production of the clinical work in Gestalt therapy analyzing scientific papers produced in Brazil in the decade between 2004-2014 in search of methodological trends, forms of psychotherapeutic management and research follow or create theoretical models in action of gestalt therapists. In CAPES databases and BVS, Pepsic, Lilacs, Scielo and Bireme in "Gestalt therapy" we identified 52 productions among which there is an emphasis on methodological phenomenology trend, and the clinical practice understood the concept of clinical expanded and based on understanding field when the gestalt therapist is the proper instrument for intervention, may occur use of resources (experiments, playfulness, art therapy) and / or support network client interpersonal relationships. We note the acceptance and respect in the clinical management as part of the professional-client genuine encounter, being necessary in gestalt therapist's role, as well as application of field theory and organismic and understanding of psychopathology in Gestalt perspective. We highlight the articles the importance of dialogic relationship and purpose of the psychotherapeutic process by the expansion of consciousness and constitute the lines of research on existential-phenomenological qualitative methodology on theory of Gestalt therapy and on clinical context, however more research is needed for coverage of other methods of scientific productions not included in this theoretical framework.

Keywords: Gestalt therapy; integrative review; clinical management; method; theories.

SUMÁRIO

PRÓLOGO	11
1. INTRODUÇÃO	13
2. PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO	24
2.1 Descrição dos procedimentos da pesquisa	25
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	28
3.1 Tendências metodológicas.....	29
3.2 Manejo Psicoterapêutico	30
3.3 Afinidade ou criação por modelo teórico	36
3.4 Linhas de Pesquisa	41
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICE A	64
APÊNDICE B	65
APÊNDICE C	72

PRÓLOGO

Meu interesse pelo tema da pesquisa reflete minha trajetória acadêmica. Desde o princípio da graduação em Psicologia me aproximei das bases epistemológicas referentes à filosofia e à construção histórica da ciência Psicologia, percorrendo as diferentes escolas de pensamento científico como racionalismo, positivismo, empirismo, entre tantos outros discursos. Neste caminhar, tive especial apreço pela história da abordagem gestáltica e Gestalt-terapia (GT), investindo na leitura de obras nacionais que abordassem a GT pelo mundo e de biografias sobre os autores do livro base, com interesse pelo livro Gestalt-terapia (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN 1997), considerado difícil, porém é a referência que Fritz Perls afirma ser um manual para entender a abordagem gestáltica, também sendo necessário entender a abordagem para traduzir as informações apresentadas no livro.

Ainda na graduação iniciei processo psicoterápico (mantendo-o até hoje) e por escolha consciente busquei um gestalt-terapeuta como forma de, no meu processo psicoterápico, iniciar uma vivência de como ocorre a clínica na Gestalt pela visão do cliente e também as possibilidades de manejo psicoterapêutico, o que naturalmente me fez aprender muito mais de mim e da teoria vivencialmente.

Na pós-graduação na área clínica em GT, construí minha formação especializada a partir de módulos teóricos e vivenciais dos quais aprendi dados relevantes sobre os princípios e técnicas passíveis de serem utilizados na atuação clínica, como por exemplo o trabalho de conteúdo onírico ou mesmo a percepção clara da dinâmica de emergência de necessidades como figuras destacadas do fundo.

Passados seis anos de prática clínica, a inserção na pós-graduação em nível de mestrado permitiu investir na pesquisa, atualmente como pesquisadora do Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas (NUFEN) da Universidade Federal do Pará (UFPA), com propostas de estudos e intervenções na perspectiva clínico-qualitativa gestáltica e fenomenologia-existencial hermenêutica.

Trabalhar em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS II), ainda mais recentemente com a oportunidade de atuação em uma área completamente nova na assistência direta ao usuário do SUS ao nível da Atenção Básica, também tem me

feito observar outras possibilidades de atendimento que necessariamente envolvem maior interesse no estudo e leitura de produções científicas na clínica gestáltica.

Muito interessada pela leitura, prática essa que foi instituída em minha família desde muito tenra idade, tive incentivo de meus pais ao gosto pelos livros e o fácil acesso a inúmeras leituras em biblioteca pessoal em nossa casa. O cheiro de livros antigos me lembra momentos prazerosos da infância. Naturalmente, assumir um projeto de pesquisa que envolvesse leitura criteriosa de documentos científicos me pareceu uma missão importante e enriquecedora a qual realizei com imensa alegria.

O trabalho psicoterápico desenvolvido em consultório ou mesmo como clínica ambulatorial sempre foi meu maior interesse da prática como psicóloga. Como uma verdadeira paixão, o cotidiano de cada (novo) encontro me faz querer, cada vez mais, aprender sobre técnicas e outros profissionais tão imersos na clínica como eu. Deste modo, a organização da produção científica da GT e seus desdobramentos contemporâneos na prática clínica significam minha tentativa pessoal de construção teórica e de direcionamentos que auxiliem em meu exercício cotidiano.

Gomes (2003) utiliza o termo pesquisa para se referir à ação de ir em busca, descobrir ou criar conhecimentos enquanto o termo prática se refere à transformação dos conhecimentos descobertos em recursos de aplicações; mas ambos são correlacionados, pois a prática pode se transformar em pesquisa e produzir novos conhecimentos e pesquisa, por sua vez, pode verificar, avaliar e atualizar práticas.

Movida por minha necessidade pessoal de identificar sob quais influências exerço minha prática clínica, penso que esta pesquisa atendeu a minha característica de ser organizada, bem como possibilitou rever minha formação e encarar novos desafios. Deste interesse surgiu a curiosidade de pesquisar sobre as principais tendências do fazer clínico da atualidade identificando e analisando as produções bibliográficas no formato de artigos científicos do período entre 2004 e 2014 publicados no Brasil.

1. INTRODUÇÃO

O tema geral nesta dissertação de mestrado em psicologia é a análise da produção científica gestáltica publicada no Brasil entre 2004 e 2014 para identificar as principais tendências do fazer clínico em termos metodológicos, as formas de manejo psicoterapêutico e os limites e as possibilidades criativas na atuação do gestalt-terapeuta. Considerando que metodologicamente realizamos uma revisão integrativa, apresentamos a questão da investigação: *Quais as principais tendências metodológicas do fazer clínico, as formas de manejo psicoterapêutico e as fronteiras entre criar e seguir algum modelo teórico na atuação do gestalt-terapeuta?* Respondemos a pergunta definindo os critérios para inclusão e exclusão de estudos e as bases de dados; selecionando as categorias extraídas dos textos; interpretando os resultados; e sintetizando o conhecimento construído, destacando ainda linhas de pesquisa identificadas a partir destas análises.

Ao dialogar com as tendências atuais da Gestalt-terapia (GT), inicialmente situamos o desenvolvimento da ciência psicológica e da GT no horizonte do conhecimento psicológico. Os primeiros projetos de Psicologia como conhecimento independente surgiram na segunda metade do século XIX, na Europa, quando estudiosos identificaram objeto e métodos próprios de estudo, especialmente quando era entendido que a “psique” (ou a mente) não era palpável como o positivismo prescrevia (FIGUEIREDO e SANTI, 2011; GOMES, 2003; HALL, LINDZEY e CAMPBELL, 2000; SCHULTZ E SCHULTZ, 1992).

Durante o século XX prevaleceu na Psicologia mundial a influência de duas grandes correntes: Psicanálise e Behaviorismo, sistemas teóricos cujas características fundamentais, respectivamente, são: a ênfase na compreensão da subjetividade e do inconsciente e destaque para a explicação objetiva do comportamento (FIGUEIREDO e SANTI, 2011; GOMES, HOLANDA e GAUER, 2004; SERBENA e RAFFAELLI, 2003). Desde os tempos do Iluminismo há uma tendência de dominância da razão e da técnica sobre outras formas de conhecimento em que há prevalência do pólo oposto, o enfoque na subjetividade, da “alma”, do mítico (SERBENA e RAFFAELLI, 2003).

No referido século iniciou na Alemanha a escola de pensamento científico Psicologia da Gestalt, na qual havia priorização em compreender e explicar a experiência subjetiva, utilizando-se do método fenomenológico para captação da experiência para o sujeito que a vive; percepção dos fenômenos como o são

(GINGER e GINGER, 1995). Seus principais colaboradores Wertheimer, Kofka e Köhler, filósofos da Escola de Berlim, construíram uma perspectiva de concepção de ser humano e mundo que se opôs ao modo como até então o mundo era concebido, atomista, aristotélico e dualista (ENGELMANN, 2002; YONTEF, 1998).

Os psicólogos da Gestalt foram influenciados pelas ideias de Kant no que se refere a unidade no ato perceptivo que ocorre ativamente em uma experiência coerente; as de Franz Brentano, em relação ao método que priorizava a observação; as de William James que considerava os elementos da consciência abstrações artificiais e a percepção humana configurada tendo o objeto como um todo; as de Ernst Mach a respeito das sensações da forma e do espaço e da forma do tempo; posteriormente com ampliação das ideias por Christian von Ehrenfels quem acrescentou a teoria de que há qualidades da experiência¹ que não podem ser explicadas por combinações de sensações individuais (as nomeou de qualidades configuracionais) (ENGELMANN, 2002).

Outras duas tendências começaram a surgir na psicologia internacional, na década de 1930: uma com enfoque na exploração científica da experiência consciente, por influência da psicologia gestáltica, e outra dedicada aos estudos da personalidade, com recuperação da centralidade da experiência consciente. Na segunda tendência destacamos a influência de autores norte-americanos que defenderam uma psicologia compreensiva, considerando o ser humano em sua singularidade e totalidade e dando origem a uma nova orientação no campo psicológico - conhecida como Terceira Força ou Psicologia Humanista (GOMES et.al., 2004; RIBEIRO, W. 2007a;).

Ginger e Ginger (1995) afirmam que a questão do atomismo ou elementarismo da instituição wundtiana foi o aspecto teórico de principal foco de ataque pela visão gestaltista, nomeando a psicologia de Wundt como "do tijolo e argamassa" e criticando a ideia de que a percepção de Wundt era apenas na acumulação ou soma de elementos; em contrapartida, para os gestaltistas a percepção ocorre quando há combinação de elementos sensoriais resultando uma nova configuração perceptual; o todo é mais do que a soma das partes (KIYAN, 2001).

¹Ao invés de utilizar-se do termo Gestalt, Ehrenfels utilizou-se da expressão *Gestaltqualität* que seria um substantivo qualificador correspondente a formação da base abstrata por sensações e sentimentos elementares (ENGELMANN, 2002).

Inicialmente concebida como uma revisão da teoria de Freud, a GT por muito tempo se manteve em uma posição de contraponto, sendo sua maior participação a mudança radical do positivismo no século XIX e da ciência, de uma forma geral, no início do século XX (BROWNELL, MEARA e POLÁK, 2014; PERLS, 2002).

A obra *Ego, Fome e Agressão* foi o marco teórico fundante, em que Perls admitiu sua formação como psicanalista, deixando claro sua admiração ao trabalho criativo produzido por Freud (PERLS, 2002). No entanto, também apontou que a teoria psicanalítica havia deixado deficiências e imperfeições que poderiam ser preenchidas, tais como: a) observação dos fatos psicológicos como isolados do organismo; b) o uso da psicologia linear de associação como base para sistema quadrimensional; c) a negligência do fenômeno da diferenciação. Com o aprimoramento da atuação clínica, Perls, Hefferline e Goodman (1997) escreveram *Gestalt-terapia*, considerado pelos profissionais da área um livro que revisa os construtos predecessores. Após uma proliferação de cursos e de capacitação de GT, Loffredo produz, no ano de 1994, a obra *A cara e o rosto: ensaio sobre Gestalt-terapia*, que, em nosso entendimento, marca uma fronteira na produção científica de uma gestaltista consumidora de produtos estrangeiros para tornar-se uma gestalt autora (JULIANO, 1992 *apud* PRESTRELO, 2012).

De acordo com Ribeiro, W. (2007a) e Suassuna e Holanda (2009) a história da GT no Brasil é contada a partir da perspectiva de cada um de seus narradores e isso resulta do encontro da vivência pessoal de cada um, agregado com experiência teórica. O aprofundamento teórico adquirido pelos primeiros gestaltistas brasileiros em *workshops* e grupos de estudo autônomos pode ser entendido como uma identificação ao grupo dos “caras-pálidas²”, quando os estudiosos brasileiros passaram a eleger quais práticas eram passíveis de serem utilizadas na cultura brasileira ao invés de apenas importar configurações européias e americanas de trabalho terapêutico – processo nomeado de “aculturação”. Juliano (2006) afirma que vários textos básicos foram sendo traduzidos ao longo do tempo, tornando-se

² Há duas vertentes entre os gestalt-terapeutas identificadas como “peles-vermelhas” (fixados na costa oeste americana) como adeptos ao estilo intuitivo com predileção por expressão catártica de emoções e aparente rejeição de reflexões teóricas acerca da prática, diferenciando-se das abordagens hegemônicas até o momento de seu surgimento, evidenciando uma oposição ao *status quo* científico. Os “caras-pálidas” (fixados na costa leste americana) eram os preocupados com a sistematização de uma prática coerente teoricamente e divulgação de seus pressupostos. A dicotomia se constituiu a partir de alguns elementos que refletiam os interesses predominantes do grupo inicial de estruturação e divulgação dessa abordagem (PRESTRELO, s/a).

disponível para as pessoas e ampliando a comunicação nacional entre os vários centros de formação e universidades do país.

A referida GT é um sistema teórico e técnico construído no século XX, fundamentada em diversos norteadores filosóficos e metodológicos que orientam o trabalho do profissional em sua concepção de mundo e de ser humano e a forma de trabalho psicoterápico a ser desenvolvido especificamente na prática clínica. Desta forma, há produção de conhecimento através de pesquisas e produções científicas que abordam o funcionamento da experiência individual e orientação a respeito de aspectos metodológicos e práticos da atuação clínica (POLSTER e POLSTER, 2001; RIBEIRO, 1985; RIBEIRO, 1998; YONTEF, 1998).

Assim, consideramos que a relevância social desta pesquisa incide sobre vários campos: A) focalizar a formação do psicólogo, apresentando à comunidade científica os resultados mais recentes das práticas clínicas de gestaltistas a partir do exame das produções elaboradas na primeira década do século XXI; B) apontar as diversas articulações e integrações teóricas que vem sendo efetivadas entre a GT e outras ciências, por exemplo “GT e fenomenologia”, “GT e nutrição”, “GT e poesia”, entre outros. Segundo Brownell et.al. (2014), tal articulação propicia aos gestalt-terapeutas um enfoque diversificado no trabalho; C) a abrangência da prática clínica na atualidade, ratificando as considerações de Helou (2013) para quem a clínica exige que constantemente seus profissionais estejam revendo teorias e técnicas para melhor lidar com as demandas do trabalho clínico.

De acordo com Holanda (2012), há muito se discute a concepção de psicoterapia e o conceito de clínica ou trabalho clínico utilizado pelos psicólogos, em sua opinião se fazendo necessário sempre debater a temática, pois pouco se sabe a respeito da entrada das perspectivas psicoterapêuticas no cenário brasileiro e, desde a regulamentação da profissão de psicólogo, é a “clínica” a mais visada e criticada; além de que tradicionalmente a Psicologia brasileira se desenvolveu em torno das áreas clínica, escolar e organizacional entendidas como “clássicas”.

[...] o campo da clínica sempre acompanhou a profissionalização e o ‘fazer’ do psicólogo, desde sua formação – seja através das técnicas de avaliação e do aconselhamento psicológico, seja no desenvolvimento explícito do campo das ‘teorias e técnicas psicoterápicas’ – até sua inserção no mercado de trabalho [...] (HOLANDA, 2012, p.73).

Hoje observamos novas configurações relacionais, de maneira que o trabalho clínico executado no início da GT não viabilizou meios para trabalhar diversas questões que cotidianamente se apresentam na realidade dos profissionais contemporâneos, sendo fundamental que estes façam, criativamente, novos arranjos para ampliar seu aporte teórico e incrementar o cabedal de conteúdo teórico-metodológico para lidar com questões emergidas no contexto atual (FERREIRA NETO, 2004; TORRES, 2011). Concordamos com Amendola (2014) que afirma que a formação acadêmica em Psicologia requer mais do que focar no exercício técnico-instrumental, o que significa ressaltar o desenvolvimento intelectual dos formandos para atuarem frente a desafios e dilemas que ocorrem no cotidiano de suas práticas, o que para Freitas (2009) requer dos gestalt-terapeutas a compreensão da configuração do mundo que engloba uma inovação na ordem econômica; meios de comunicação baseados nas tecnologias de informática; alteração das fronteiras de espaço e tempo; ausência de projetos sociais que envolvam os coletivos, etc.

Por sua vez, Brito (2015) reflete sobre a atuação dos gestalt-terapeutas no contexto de clínica ampliada, destacando que é esperado que este profissional desempenhe um papel de trabalhador social engajado nos movimentos de saúde, encarando o desafio de abdicar dos saberes consagrados como padrão e se lançando para espaços abertos, indo até onde a clientela vive e atuando no local onde os conflitos emergem, não mais entendendo o sujeito como alguém apartado de seu contexto habitual, de modo “[...] a lidarem com o cotidiano, o que o coloca face a face com a complexidade da vida e lhe demanda ações para as quais não há um manual orientador” (BRITO, 2015, p. 165).

Para Cardella (2015) é imprescindível que na clínica contemporânea sejam acolhidos fenômenos relacionados à dimensão transcendental, pois, na sua experiência, observa manifestações abordadas na religiosidade, espiritualidade, fenômenos místicos, entre outros que não podem ser ignorados e, desta maneira, tem buscado aprofundar estes aspectos a fim de ofertar referências para auxílio de outros profissionais e ferramentas que possibilitem crescimento e possibilidade de encontro com seus pacientes.

[...] Rever (reler, transformar, acrescentar, e re-configurar) talvez seja a tarefa mais gestáltica da qual os profissionais que adotam esta linha de atuação devam permanentemente se ocupar, buscando em outras escolas psicológicas, escolas filosóficas e campos científicos novas contribuições que lhes permitam evoluir e permanecer de

acordo com os novos paradigmas contemporâneos (LIMA, 2005, p. 176).

Para Brownell et.al. (2014), o arcabouço teórico da GT é bastante amplo, embora tenha uma unidade na sua teoria, e, desta maneira, torna-se possível aos gestalt-terapeutas trabalharem com enfoques diversificados. Costa (2008) observou haver nos últimos anos, mais especificamente nos últimos congressos nacionais e eventos regionais que envolvem gestalt-terapeutas, um incremento na preocupação com a fundamentação da abordagem, com maior aproximação do discurso filosófico e bases teóricas com publicação de livros e artigos a respeito desta. De acordo com Almeida (2010), há uma necessidade de sistematizar a teoria, discutir a definição de termos próprios, uma teoria da personalidade e psicopatológica que orientem o trabalho clínico, entre outros fundamentos que possam dar consistência a prática.

Ribeiro (1998) aponta a necessidade de se buscar onde e como a GT está enraizada filosófica e historicamente para, a partir disso, profissionais terem coerência naquilo que fazem, pensam e acreditam. Nossa pesquisa vai ao encontro desta tendência, quando permite disponibilizar ferramentas que favorecem esta construção teórica, investigando obras que apontam fundamentos e conceitos da abordagem e também ferramentas metodológicas para lidar com demandas contemporâneas.

Também vale destacar a necessidade de ser preservada a memória de uma ciência, ainda mais quando é observada a precária realidade de desorganização de dados sobre diversos temas (Costa, 2008), como na afirmação: “[...] À medida que reexaminamos nossos métodos e testamos nossas hipóteses para o aperfeiçoamento da abordagem da gestalt-terapia, ajudamos a preservação de uma teoria e método de grande valor [...]” (GOLD e ZAHM, 2014, p. 53).

Em termos de relevância pessoal, concordamos com Robine (2005) quando afirma que a construção teórica em si mesma nada mais é do que tentar construir significado para sua experiência. Acreditamos que toda pesquisa viabiliza que os autores, através de suas articulações, possam fazer encadeamento de idéias, que em sua diversidade proponham um objetivo a ser alcançado. À medida que proposições variadas se unem no corpo do texto, o todo construído no diálogo com interlocutores proporciona compreensão, a qual pode ser de grande valia tanto para os pesquisadores como para os leitores.

Pensamos ser necessário também apontarmos a reflexão de Gold e Zahm (2014) de que outras abordagens têm se utilizado de conceitos e técnicas da GT como sendo suas propriedades e ideias inovadoras, e desta maneira havendo riscos da GT ser extinta. Contudo, os próprios autores reconhecem que a GT oferece o que outras abordagens não conseguem, considerando que apresenta uma base que envolve todos os aspectos do funcionamento humano, nas instâncias cognitiva, emocional, comportamental, física e espiritual.

Considerando que o objeto de estudo desta pesquisa se refere ao trabalho clínico em GT, faz-se fundamental apontar qual a nossa concepção de clínica, a partir das discussões de clínica ampliada e postura dialógica e método fenomenológico, que são os parâmetros de referencial, inclusive para a compreensão dos trabalhos selecionados pelo nosso crivo. Deve-se admitir a complexidade do tema clínica apontada por Holanda (2012), que discute a falta de definição do campo das psicoterapias; estas podem ser observadas como um conjunto disperso de abordagens clínicas que se auto constituem e se autorregulam em termos de teorias, técnicas e formação especializada para atuação. A GT não foge a essa regra, inclusive com lacunas teóricas, a exemplo da afirmação de Ribeiro (2011) de que a GT não possui uma teoria da personalidade constituída.

Dutra (2004) e Moreira, Romagnoli e Neves (2007) discutem o modelo de clínica tido como tradicional, ratificando estudos de outros profissionais anteriores a ele que igualmente já haviam observado a necessidade da revisão do conceito de clínica utilizado nas pesquisas. Discutem a etimologia do termo *clínica* observando que seu significado (*à beira do leito*) aponta a herança de um modelo médico na atuação do psicólogo, fundamentalmente influenciando sua práxis.

Em estudo realizado pelo Conselho Federal de Psicologia em 1987, foi apontada uma hipertrofia da área clínica, provavelmente acentuada tanto em função do imaginário social a respeito da profissão, quanto pela questão da clínica responder a um molde específico de trabalho herdeiro da concepção clássica de clínica. Em pesquisa posterior realizada em 1996 na PUC-SP, os alunos apontaram a percepção de que a psicoterapia era caracterizada por uma relação dual do profissional com alguém face a face ou no divã, mas já retratada em outros contextos de atuação, como hospitais, creches, escolas (FERREIRA NETO, 2004).

Lo Bianco et al. (1994 apud DUTRA, 2004) apontam como características da clínica tradicional: atividades como psicodiagnóstico, terapia individual ou grupal,

atendimento de público com boa condição financeira em atividade exercida em consultório particular, com enfoque no intrapsíquico e em processos psicológicos e psicopatológicos do indivíduo. Em contrapartida, a prática clínica mais atualizada refletiria uma tendência em ocupar o contexto social, não apenas em termos de público alvo, mas na concepção de um indivíduo contextualizado e necessidade de um fazer ético (BASTOS, 2009), como observado na afirmação: “[...] A ética da psicoterapia não está na sua aplicação política, mas na sua capacidade de cumprir a promessa de aliviar o sofrimento humano. Essa é a responsabilidade principal do terapeuta” (NICARETTA, 2012, p. 114-115).

A respeito desta discussão, Nicaretta (2012) aponta um conflito ocorrido quando no surgimento desta nova psicologia social *versus* a psicologia clínica, no qual a primeira se esforçava para apresentar os interesses políticos e econômicos envolvidos na atuação do psicólogo e a segunda que tentava adequar/normatizar indivíduos tomando como ponto de partida uma visão médica. O autor reflete que toda profissão deixa de ser compreendida como elitizada quando há um reconhecimento do Estado sobre a necessidade do serviço em favor do povo. Para Dutra (2004), quando passou a ser enfatizada a concepção de construção social e histórica da subjetividade, conseqüentemente passou a ser modificada tanto a noção de sujeito como o ato clínico para atendimento do mesmo, o qual deve ser objeto de reflexão para adequar ao serviço prestado a clientela, aonde quer que este se realize.

[...] não importa em que lugar ou espaço o ato clínico aconteça, seja no âmbito privado ou público, numa relação diádica, grupal ou coletiva. Este será sempre um fazer psicológico que se pautará em concepções teóricas e metodológicas que refletirão essa postura diante do sofrimento ou fenômeno psicológico que se coloca diante dele.[...] (DUTRA, 2004, p. 384).

De acordo com Moreira, Romagnoli e Neves (2007), o fato de surgirem novos campos de atuação para o psicólogo dissemina o serviço para um número maior de pessoas e de classes sociais, porém também prescinde de novos recursos na formação profissional, bem como novas formas de executar o exercício profissional baseado em práticas ético-políticas. A clínica não é uma questão de lugar; acontece sempre que o sofrimento do sujeito cria uma demanda, de maneira que a prática clínica não pode reduzir-se ao lugar nem ao número de sujeitos, nem a classe econômica ou técnica utilizada (DUTRA, 2004).

Holanda (2012) discute a prevalência de uma “clínica reduzida” em função de demandas específicas que sempre serão solicitadas pela sociedade, o que forçaria uma delimitação de espaços já constituídos para psicologia em um caminho historicamente construído. Em contrapartida, deve-se manter a percepção de que “práticas psicossociais” já ocorrem desde os tempos de pensadores clássicos como Adler e Moreno, e que seu exercício não exclui práticas tidas como burguesas, pois de fato o mais importante é que psicoterapia e clínica social não são contraposições. Conforme nos diz Pimentel:

[...] a contribuição da Psicologia clínica para a estruturação de uma sociedade democrática e de uma estética de si pautada na cidadania e não meramente em uma psicopatologia requer revisão contínua dos projetos pedagógicos da formação da psicóloga. (2012, p. 171).

A reflexão sobre a política pública do Sistema Único de Saúde (SUS), “clínica ampliada”, tem este objetivo de proposta de atendimento na área da saúde. Pimentel (2012) destaca que nesta concepção humanizada de trabalho os profissionais atuam de forma multidisciplinar, na qual cada profissão se responsabiliza por seu afazer, e neste espaço o psicólogo deve reelaborar sua intervenção, adequando-a eticamente ao contexto e condições de trabalho, direcionando ao planejamento e execução de psicodiagnósticos colaborativos e interventivos com objetividade técnica a fim de atender a demanda trazida pelo cliente.

A GT é uma psicologia compreensiva que, muito antes das discussões de clínica ampliada, já apontava a necessidade do debate mais amplo sobre noções de saúde e doença, o encontro com o outro no modo dialógico buberiano, estabelecimento de empatia, entre outros elementos que, na prática da GT, favorecem que o cliente tenha instrumentos próprios de sua existência para resolução de seus conflitos de forma não reducionista a sintomas, desconstruindo categorias fechadas (PIMENTEL, 2012).

Para Almeida (2010), o cliente que procura atendimento psicológico clínico apresenta sintomas, emoções, vivências, crenças, comportamentos que precisam ser considerados como aspectos da existência do sujeito e que necessitam ser delineados e manejados pelo psicoterapeuta. Ainda de acordo com a autora, o gestalt-terapeuta deve “[...] mantendo a pureza do que nos é trazido, conservando o fenômeno “tal e qual se mostra” e oferecendo ao cliente a possibilidade de uma

releitura de sua própria experiência [...]” (ALMEIDA, 2010, p. 218). Dentre outras, o gestalt-terapeuta se utiliza de duas ferramentas básicas que o apoiam na prática clínica gestáltica: a abordagem dialógica e o método fenomenológico.

De acordo com Hycner (1995), a relação EU-TU é caracterizada pelo genuíno interesse de um para com a pessoa com quem está se relacionando/interagindo, pois há valorização da alteridade do outro, que acontece espontaneamente sem forçar a ocorrência. Yontef (1998) destaca ser a forma de se tratar uma pessoa igualmente capaz de autenticidade, o que é possível de ser observado em todas as relações terapêuticas nas quais há preocupação com o outro.

Em contrapartida, na relação EU-ISSO a outra pessoa é tida como um ‘objeto’ (HYCNER, 1995). A abordagem dialógica parte sucintamente da compreensão buberiana de dialogicidade, quando há a relação Eu-Tu, caracterizada pelo encontro interessado na busca do outro a fim de ampliar seu potencial, enquanto que na relação nomeada Eu-Issso, não há consideração de um outro ser e sim, uma relação objetual (NASCIMENTO E VALE, 2013).

No que se refere ao método fenomenológico, Holanda (2007) pondera que o crescimento do uso da análise fenomenológica se dá pelo fato de ser uma forma de acessar manifestações humanas e sociais antes não alcançadas pelo método positivista. Perls, Hefferline e Goodman (1997) afirmam que o ideal é o terapeuta se concentrar na estrutura concreta da situação real que se desenvolve no paciente e “malhar” nisso, sempre começando a partir “do que surge”, seja em um pesadelo, atitude desonesta, discurso sem vida, entre outras formas. Como na passagem:

[...] Queremos dizer que “interpretar o que surge” e “investigar as resistências” estão combinados de maneira inextricável na situação concreta; e que se há algum crescimento, tanto nos pronunciamentos espontâneos do paciente e suas resistências neuróticas, como a concepção do terapeuta e suas defesas não-neuróticas contra ser enganado, manipulado etc. são progressivamente destruídos na situação que se desenvolve. [...] (PERLS, HEFFERLINE e GOODMAN, 1997, p. 92).

Para Yontef (1998) o uso do método fenomenológico para estudo da pessoa *como pessoa* ocorreu por meio da descoberta da importância do diálogo, a partir do qual os seres humanos se tornam *verdadeiramente* humanos (grifos destacados pelo autor da obra) por ser quando estão em constante relação com outras pessoas; essa é umas das principais chaves para compreensão de uma atitude existencial.

Entende-se ser inevitável que o gestalt-terapeuta contraste suas experiências individuais subjetivas com suas habilidades relacionais, estando cuidadosamente *aware* do que acontece com o cliente e atento ao que se passa com ele mesmo. Independente do contexto de atuação clínica, o funcionamento do processo psicoterápico sempre será neste formato, o que notoriamente tem sido observado nas produções científicas realizadas na última década. Há autores que acreditam ser a psicologia uma profissão paradoxal na qual o profissional confronta cotidianamente questões pessoais muitas vezes ainda não resolvidas, porém encontram-se refletidas ou repetidas na vida de outras pessoas, como clientes (HYCNER, 1995; SAMPAIO, 2004).

Em nosso estudo, a questão geral da pesquisa foi investigar as principais tendências metodológicas do fazer clínico, as formas de manejo psicoterapêutico e as fronteiras entre criar e seguir algum modelo teórico na atuação do gestalt-terapeuta, utilizando-nos, para isso, da produção literária científica no formato de artigos científicos em Gestalt-terapia no Brasil do período de dez anos, considerados de 2004 a 2014, tendo como questão específica identificar linhas de pesquisa na temática analisada.

Já tendo sido feita a descrição do encontro com o tema pesquisado e também uma breve apresentação introdutória do histórico da Gestalt-terapia e da concepção de clínica escolhida para delimitar o percurso teórico-metodológico utilizado na pesquisa, apresentamos a estrutura organizativa do texto dissertativo. No capítulo intitulado “Percurso Teórico-Metodológico”, descrevemos a importância da pesquisa qualitativa e a modalidade de pesquisa revisão integrativa como forma de coleta e análise dos dados por nós escolhida. Na seção intitulada “Resultados e Discussão”, apontamos os dados coletados divididos em categorias nas quais agregamos as respectivas pesquisas que se assemelham de acordo com a categoria constituída, bem como estabelecemos linhas de pesquisa para temáticas semelhantes nos estudos observados. Na seção “Considerações Finais”, associamos conhecimentos adquiridos por revisão bibliográfica aos estudos analisados por revisão integrativa, formulando um texto conciso acerca dos dados analisados nesta dissertação.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

A investigação é um processo no qual o pesquisador possui uma atitude e uma prática teórica de constante busca, que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente, refletindo posições frente à realidade no contexto estudado (LIMA e MIOTO, 2007).

Portanto, o caminho que traçamos para responder a questão do estudo sobre quais são as linhas de pesquisa e temáticas mais abordadas na clínica da gestalt-terapia foi a revisão integrativa. Os objetivos consistiram em identificar as principais tendências metodológicas do fazer clínico, e as formas de manejo psicoterapêutico descritas pelos gestalt-terapeutas.

Gold e Zahm (2014) afirmam que nos últimos vinte anos do século XX tem sido uma preocupação temática de pesquisadores a validação empírica das abordagens psicoterápicas. Segundo os autores, tal demanda tem sido resultado das mudanças ocorridas no campo da psicologia clínica, que passou a ter prevalência pelo modelo médico, centrado na redução do sintoma e visando resultados. No cenário americano, por exemplo, tais exigências geraram uma necessidade de estudos que provassem a eficiência de determinados tratamentos, com exigência de fundamentação empírica, o que inclusive favoreceu a popularidade das abordagens comportamental e cognitivo-comportamental neste cenário. Para eles, a pesquisa em psicoterapia gestáltica não teve muito desenvolvimento, apesar de que observarem que desde o início do século XXI tem-se produzido mais acerca da teoria e prática em GT com uso de estudos de caso, por exemplo. Todavia, para os autores, com frequência, a pesquisa apresenta enfoque reduzido e limitado por não conseguir representar a GT ou captar sua essência.

Pensando nestes limites apontados, utilizamos a pesquisa de revisão integrativa para descrever um panorama acerca da produção literária sobre o tema, bem como fornecer subsídios para aprofundar os sistemas teórico-metodológicos relatados nas produções literárias de 2004 a 2014 e as linhas de concentração de pesquisa e temáticas mais abordadas como configurações clínicas da GT atualmente no Brasil.

A revisão integrativa tem a finalidade de sintetizar resultados obtidos em pesquisas sobre um tema ou questão, de maneira sistemática, ordenada e

abrangente, e de fornecer informações mais amplas sobre um assunto ou problema; integrando; constituindo um corpo de conhecimento. Esta modalidade de estudo aceita que o revisor ou pesquisador atenda a diferentes finalidades, as quais podem ser: definição de conceitos, revisão de teorias ou análise metodológica dos estudos incluídos de um tópico particular (ERCOLE et.al., 2014).

Foram necessárias 06 (seis) etapas para construir a revisão integrativa: 1) identificação do tema e seleção da hipótese ou questão de pesquisa; 2) estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos/amostragem ou para busca na literatura; 3) definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados/categorização dos estudos; 4) avaliação dos estudos incluídos; 5) interpretação dos resultados; e, 6) apresentação da revisão/síntese do conhecimento (*op.cit.*).

2.1 Descrição dos procedimentos da pesquisa

Como primeira etapa da revisão integrativa, o tema definido para esta pesquisa foi a análise da produção acadêmica nacional no campo da GT a partir de linhas de pesquisa e temáticas mais abordadas na clínica da GT. Como segunda etapa estabelecemos que o material bibliográfico selecionado fosse composto de artigos científicos nacionais publicados entre os anos de 2004 a 2014. Os critérios para inclusão de cada material na revisão integrativa foram:

I. Identificação/título: Documentos que houvesse no título e/ou resumo e/ou palavras-chave dos artigos científicos os descritores estabelecidos como crivo de pesquisa “Gestalt-terapia”, por entendermos que representam a proposta de trabalho clínico investigado, associada ou não com outras perspectivas de trabalho;

II. Autor: Foram aceitos artigos científicos com mais de um autor, considerando que representam a opinião de pesquisadores e/ou profissionais que constituíram uma produção elaborada de um pensamento, baseado em experiência clínica ou de pesquisa;

III. Ano: Foi considerado como critério de inclusão o período de publicação de uma década, a contar de janeiro de 2004 a dezembro de 2014, não sendo incluídos os artigos científicos que tenham sido apenas enviados para revisão e publicação neste período;

IV. Local: Foram incluídas as publicações produzidas apenas no Brasil, não sendo incluídas produções fruto de traduções para língua portuguesa, com exceção de revisões de literatura que configurem uma nova produção;

V. Público-alvo: Quando havia explicitado qual o público-alvo, foram incluídas produções referentes ao trabalho clínico realizado com crianças, adolescentes e adultos;

VI. Qualificação: Para produções em revistas acadêmicas ou profissionais, foram tomados como referência de inclusão as pesquisas que possuíssem qualificação A1, A2, B1 e B2 de acordo com análise do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

As bases de pesquisas selecionadas para composição de materiais foram: CAPES e Portal da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), pelos quais se tem acesso às fontes: Periódicos Eletrônicos de Psicologia (Pepsic), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Bireme, nos quais foram encontrados artigos e dissertações conforme os critérios de inclusão. Do material selecionado, foi realizada uma leitura crítica, buscando atender aos objetivos propostos para a pesquisa e, em seguida, uma leitura interpretativa.

A terceira etapa da revisão integrativa foi a categorização das informações extraídas dos estudos selecionados no formato de fichas³: principal temática abordada no estudo; qual o método utilizado no estudo; se houve teoria indicando produção inovadora para compreensão e melhoria da GT; o manejo clínico proposto; tipo de texto, se foi fruto de experiência clínica ou de pesquisa acadêmica; resultados obtidos e observações adicionais.

A quarta etapa da revisão integrativa foi a avaliação dos estudos incluídos, a partir da leitura criteriosa, para a identificação das principais tendências do fazer clínico e das linhas de pesquisa e temáticas mais abordadas na clínica da GT. Foram incluídos na análise apenas os textos que contemplassem todo o conteúdo do interesse da pesquisa em um mesmo estudo. Para facilitar a visualização dos dados, elaboramos uma tabela⁴ com apresentação dos dados como categorias e subcategorias agrupadas pelas temáticas observadas nos estudos pesquisados.

³ Conforme o modelo disponibilizado no Apêndice A.

⁴ Disponível no Apêndice B.

A quinta etapa foi interpretação dos resultados, quando foi observado que algumas literaturas abordavam aspectos gerais da clínica e outros as especificidades, algumas vezes com propostas criativas sobre manejo terapêutico ou possíveis formas de trabalho.

A sexta etapa da revisão integrativa foi a síntese do conhecimento acerca da GT no Brasil referente à última década de produção literária no tema.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisamos publicações disponíveis no banco de dados do portal de periódicos da CAPES e BVS, Pepsic, Lilacs, Scielo e Bireme usando o descritor “Gestalt-terapia”⁵. Na consulta, totalizamos 52 (cinquenta e duas) produções, ao longo de uma década, no formato de artigos científicos e 13 (treze) outras produções divididas em 09 (nove) dissertações de mestrado e 04 (quatro) teses de doutorado, sendo que as produções resultantes de pós-graduação não foram analisadas na revisão integrativa, porém foram utilizadas como fundamentação bibliográfica. O ano de 2009 foi o que encontramos mais publicações identificadas pelo descritor, com 18 (dezoito) publicações, seguido do ano de 2007 com 11 (onze) publicações; nos anos de 2010 com 07 (sete); 2008 e 2014 com 06 (seis) publicações cada, todos no formato de artigos científicos.

Identificamos publicações resultantes de pesquisas de pós-graduação *stricto ou lacto sensu* – sendo que, entre estes últimos, apenas foram considerados os textos produzidos e disponibilizados no portal de periódicos da CAPES, tendo em vista a acessibilidade aos mesmos durante o período de duração da pesquisa -, embora Holanda (2009) aponta que seja notória a defasagem de alguns dados disponibilizados na *internet*. No entanto, excepcionalmente, foram incluídos os trabalhos produzidos pelo Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas (NUFEN) da Universidade Federal do Pará (UFPA) do qual somos pesquisadoras e que, embora nem todos os trabalhos publicados estejam indexados no portal de busca ativa citado acima, pensamos ser fundamental prestigiar as publicações identificadas com o crivo a respeito da temática e que refletem concepções dos profissionais da região norte do país. A respeito destas obras destacamos dissertações de mestrado (ARAÚJO, 2007; BAYMA, 2013; FERREIRA, 2010; LÔBO, 2013; OLIVEIRA, 2007; REIS, 2014; SIMÕES, 2008; VALE, 2011) e mais recentemente a publicação internacional *Reflections on Clinical Reasoning in Gestalt Therapy* (PIMENTEL et. al, 2016), dentre outras produções deste núcleo.

Durante a análise dos dados, construímos 03 (três) categorias temáticas⁶: A) Tendências Metodológicas; B) Manejo Terapêutico; e C) Afinidade ou criação por modelo teórico. Quanto às linhas de pesquisa, procedemos um agrupamento dos

⁵ A lista completa dos trabalhos analisados está disponível no Apêndice B.

⁶ Organograma disponível no Apêndice C.

trabalhos em (03) linhas, agrupadas por afinidade: A) Metodológica; B) Teórica; C) Contexto clínico. Analisamos, em seguida, cada item individualmente.

3.1 Tendências metodológicas

Na categoria Tendências Metodológicas identificamos que os estudos em GT apresentam prioridade pelo uso dos elementos da metodologia da Fenomenologia, costumeiramente citando os elementos que compõe seu escopo, a saber: suspensão de valores, *epoché*, importância de descrever os fenômenos, entre outros elementos que constituem, como característica geral, a metodologia fenomenológica, havendo algumas especificidades quanto ao autor/filósofo escolhido para fundamentação teórico-filosófica da metodologia. Identificamos: 1. Estudos que não especificam autor de base; 2. Estudos que elegem um filósofo de base.

Dentre os “*Estudos que não especificam autor de base*”, apontamos Almeida (2010), Alvim (2011, 2012), Alvim e Ribeiro (2009), Alvim, Bomben e Carvalho (2010), Antony (2009a; 2009b), Antony e Ribeiro (2005), Bruns (2014), Campos, Toledo e Faria (2011), Cardoso (2009), Cavalcanti (2014), Cavalcante e Borges (2009), Costa e Dias (2005), D’acri (2009), Ferreira (2009), Fonseca (2007), Freitas (2009), Freitas, Stroiek e Botin (2010), Fukumitsu e Scavacini (2013), Fukumitsu, Tavares e Andrade (2009), Leão (2007), Lima (2009), Mattar (2010), Mesquita (2011), Nascimento e Vale (2013), Nunes e Holanda (2008), Pinto (2009), Reis (2014), Santana e Yano (2014), Silva e Arrelias (2010), Silva e Boaventura (2011), Tsallis (2009) e Vieira e Vandenberghe (2011).

No que se refere aos “*Estudos que elegem um filósofo de base*”, observamos uma ampla variedade de autores, havendo algumas prevalências para metodologia fenomenológica de inspiração heideggeriana (ALVIM, 2006; GALLI, 2009, MELO, BORIS E STOLTENBORG, 2009; SAMPAIO, 2004; SANTOS, 2004). Porém também foi possível encontrar estudos com a fenomenologia estética de Mikel Dufrenne, um francês que se inspira em leituras de Sartre e Merleau-Ponty (ALVIM, 2007a).

Ribeiro, J. (2007) afirma ter se inspirado na fenomenologia de Siegmund Heinrich Foulkes a qual já considerava elementos como aqui-agora, campo e contato, embora o filósofo inglês fosse psicanalista. Ferreira, Leão e Andrade (2008)

fazem uso da fenomenologia de acordo com modelo de Amadeo Giorgi, de 1985, bem como Rodrigues e Nunes (2010) utilizaram-se da proposta metodológica de passos propostos por Antônio Coppe.

3.2 Manejo Psicoterapêutico

Na categoria Manejo Psicoterapêutico, observamos uma variedade de possibilidades, seja a partir da postura do profissional, a qual dependerá de sua própria pessoa, seja a partir do uso de instrumentos extras, que inclui uso de materiais adquiridos comercialmente. Também dividimos como categoria as pesquisas que apontam a forma de utilizar as demandas do cliente diante do trabalho analítico de seus comportamentos e sintomas, bem como o uso de suas relações interpessoais a favor do processo terapêutico. Desta forma, agrupamos os estudos por: 1. Posicionamento, atitude e postura do profissional; 2. Uso de recursos para experiência; 3. Trabalho de conteúdo do cliente; 4. Acionamento da rede de cuidado.

Quando os estudos apontam para *“Posicionamento, atitude e postura do profissional”*, observamos que uma das principais questões destacadas é a priorização pelo encontro dialógico, com proposição de uma postura de inclusão e diferenciação do eu do outro, sendo o gestalt-terapeuta um coadjuvante no processo (BRUNS, 2014; CARDOSO, 2009; D’ACRI, 2009; FERREIRA, 2009; FREITAS, 2009; FREITAS, STROIEK E BOTIN, 2010; FONSECA, 2007; FUKUMITSU, CAVALCANTE E BORGES, 2009; GALLI, 2009; GURGEL, 2008; LEÃO, 2007; MATTAR, 2010; SAMPAIO, 2004; TSALLIS, 2009), o que também é apresentada como importante no trabalho com crianças (RODRIGUES E NUNES, 2010).

A ação ética do profissional, para Leão (2007), basicamente se refere à compreensão contextualizada do indivíduo, que no trabalho fica evidenciado quando utiliza da teoria de campo para observar que cada adolescente tido como “infrator” foi assim constituído por suas relações existenciais empreendidas com o meio que o cerca. Para Nascimento e Vale (2013), a ética gestáltica está na possibilidade do gestalt-terapeuta de estar com o outro no exercício da dialogicidade, de colocar-se disponível, cuidando e acolhendo, de ser responsável, de crer na autorregulação e de colocar-se como heterosupoporte. Para tal, Sampaio (2004) destaca a neutralidade

com enfoque na intencionalidade da consciência, no sentido de que para que este compreenda a vivência do cliente, se torna imprescindível que suspenda seus próprios valores.

Fukumitsu, Cavalcante e Borges (2009) e Melo, Boris e Stoltenborg (2009) acreditam ser necessário que o gestalt-terapeuta ofereça qualidade de presença para o contato, que poderá evocar no cliente o autocuidado e amor próprio. Para Nunes e Holanda (2008), o gestalt-terapeuta deve exercer uma curiosidade interessada e genuína para que o próprio cliente se interesse por si mesmo, especialmente a partir de um bom vínculo terapêutico, pois de acordo com Freitas (2009) e Silva e Arrelias (2010), a relação terapêutica se constitui um encontro genuíno com a alteridade do outro.

Galli (2009) reflete que o profissional deve ter confiança na pessoa - que é a produtora de significados -, não se posicionando como aquele que tem a cura ou que vai resolver os problemas, assim como Cavanellas (2009) e Alvim (2007b) destacam ser necessário ter como fundamento a afirmação da vida (fluxo, fluidez, ritmo, vitalidade, brilho), crer nas potencialidades do indivíduo e propiciar intimidade compreensiva para que o outro se desvele. Alvim (2007a) nomeia de contemplação interessada na obra do cliente. Cardoso (2009) utiliza igualmente deste princípio na modalidade de grupos terapêuticos, quando a partir da postura fenomenológica, viabiliza abertura, facilitação e confirmação dos pacientes, bem como legitimação da experiência individual.

Para Tavares e Andrade (2009) e para Mattar (2010), a *epoché* (atitude) é um elemento fundamental no trabalho do gestalt-terapeuta, assim como é necessário rastrear as experiências e buscar os significados dos vividos. Para tal o profissional deve abandonar certezas e ser questionador, a fim de favorecer *awareness* do cliente. Ferreira, Leão e Andrade (2008) creem que a atitude do gestalt-terapeuta deve ser priorizar uma escuta respeitosa e sem julgamentos, a fim de acolher e investigar a experiência do outro. O papel do profissional, estabelecendo um bom vínculo terapêutico, é permitir que ao enlutado (no caso do estudo citado), expresse livremente sentimentos, ideias, vontades, considerando as inúmeras mudanças que ocorrem na vida deste.

Há autores que fundamentam suas pesquisas na legitimação do encontro genuíno entre cliente e gestalt-terapeuta, defendendo a necessidade de haver amorosidade, diálogo, envolvimento pleno, confirmação e empatia, compondo uma

postura metodológica compreensiva, vontade de cuidar do outro, apresentando humanidade e altruísmo quando o gestalt-terapeuta se oferece como pessoa para o trabalho, doação (ALMEIDA, 2010; ALVIM, 2006; NUNES E HOLANDA, 2008; SAMPAIO, 2004; SILVA E ARRELIAS, 2010; SILVA E BOAVENTURA, 2011; TAVARES E ANDRADE, 2009). Almeida (2010) e D'acri (2009), no entanto, ponderam que o profissional deve impedir que seus próprios vieses interfiram negativamente no processo do cliente, tendo controle dos aspectos pessoais. Essa postura de doação é apontada por Alvim (2012) no olhar que admira e espera, na abertura e presença do profissional que proporciona que a psicoterapia seja um espaço de possibilidade de ressignificação da existência e campo de experiência (engajada) com o outro, a partir de expressão e diálogo.

Quando se aborda os estudos com *“Uso de recursos para experiência”*, identificamos autores que especificam suas pesquisas para o trabalho lúdico para o público infantil (ANTONY, 2009a, 2009b; CAMPOS, TOLEDO e FARIA, 2011; COSTA e DIAS, 2005; RODRIGUES e NUNES, 2010; SILVA e ARRELIAS, 2010). Dentre os destaques, apontamos que o gestalt-terapeuta deve entrar no mundo lúdico da criança, a fim de favorecer a confiança em seu trabalho (COSTA e DIAS, 2005; RODRIGUES e NUNES, 2010), bem como fazer uso de recursos técnicos e ter consciência da necessidade de exercer atividades físicas na própria sessão, com o intuito de acompanhar o ritmo e vitalidade da criança, o que inclui pular, abaixar, jogar, sentar no chão, levantar muitas vezes na sessão, simplesmente deixar-se conduzir pela curiosidade genuína na atividade, observando a criança em seus comportamentos e expressões.

Silva e Arrelias (2010) sugerem como recursos técnicos e lúdicos: desenhos, bonecos, fantoches, brinquedos de montar (casa e cidade), massa de modelar, quadro de giz, jogos pedagógicos, livros de histórias e revistas em quadrinhos, fotos da família. Para as autoras, a partir da ludoterapia, o gestalt-terapeuta acompanha, observa e intervêm. Em caso de trabalhos com a energia agressiva (de crianças), Antony (2009a, 2009b) propõe fantasias dirigidas, uso de fantoches, trabalhos corporais e sensoriais, sempre respeitando o limite e, principalmente, não impondo atividades que ela não queira executar.

Identificamos estudos que abordam questões específicas quanto ao uso de alguns recursos como: o uso do contrato terapêutico para além de uma combinação de dados objetivos, sendo válido utilizar como um instrumento de autorregulação do

profissional (D'ACRI, 2009); a psicoterapia breve/de curta duração com etapas fundamentadas para o manejo, que incluem a queixa/sintoma trazida pelo cliente, eleição do foco de trabalho, compreensão diagnóstica e relação terapêutica com a finalidade de auxiliar no crescimento do cliente como uma oportunidade de viver uma "experiência emocional atualizadora" (PINTO, 2009); diante de situações de adoecimento físico, o profissional deve considerar o processo de hospitalização e auxiliar o cliente a desfazer possíveis mal-entendidos em relação à sua própria doença, o que inclusive envolve o trabalho terapêutico de demandas da equipe, familiares e do próprio indivíduo quanto a introjetos, sofrimentos, expectativas (FREITAS, STROIEK E BOTIN, 2010; GALLI, 2009; SILVA E BOAVENTURA, 2011).

Para Alvim (2007a), Cardoso (2009), Mattar (2010) e Mesquita (2011), o objetivo da psicoterapia é ampliar a experiência do cliente no aqui e agora do encontro, para que tanto o gestalt-terapeuta como o próprio cliente possam ter ali uma possibilidade de desvelamento de significados e de instauração de sentidos nas experiências vividas, que são as verdades do cliente, sendo de fundamental importância tolerar a falta de sentido do outro (FUKUMITSU E SCAVACINI, 2013). O papel do psicoterapeuta é autorizar, dar licença a essa expressão criativa e espontânea das formas do cliente (sejam estas limitadas/neuróticas ou não) a partir de um ambiente permissivo, para possibilitar uma reconciliação entre uma obra existencial e o próprio autor, por meio da presença do gestalt-terapeuta (ALVIM, 2007a; MATTAR, 2010) que, embora o cliente seja adulto, a partir de intervenções para mobilizar sentimentos e ações pelo uso de mais arte que técnica (fantasia, desenhos de família, argila, tinta, etc.) como recursos expressivos (lápis, colagem, revistas, etc.), poderá tornar possível favorecer a consciência acerca dos comportamentos, escolhas e sentimentos vividos na experiência, inclusive no adoecer (CARDOSO, 2009).

Lima (2009) e Reis (2014) apontam que as terapias expressivas (atividade criadora) permitem dar uma forma ao tumulto emocional e, por expressão, transformá-lo, sendo que a obra pode ser um sonho, uma lembrança, uma estória, uma fantasia, expressões do corpo - considerando a importância da corporeidade na obra de Merleau-Ponty, nos trabalhos de Alvim (2007a, 2007b, 2012), Alvim e Ribeiro (2009), Tsallis (2009) - entre outras formas de fragmento da experiência existencial. Esta busca ativamente pode ocorrer pela observação do andar de alguém ou o modo como se posta de pé ou sentado; como se movimenta enquanto

fala sobre algo ou quando está em silêncio (ALVIM, 2007b; BRUNS, 2014; GURGEL, 2008; NUNES E HOLANDA, 2008).

Alvim e Ribeiro (2009), Fonseca (2007), Lima (2009), Santana e Yano (2014) e Vieira e Vandenberghe (2011) apontam o uso de experimentos, sugerindo algumas técnicas para enfoque do trabalho na experiência imediata, a exemplo de encenação, dramatização, trabalhos para casa, psicodrama (ou monodrama, para Perls) com a prerrogativa permanente de observar e acolher o sujeito sempre. Em trabalho essencialmente baseado na ação, visa-se transbordar a vivência funcional e prática para ir em busca da superação poética, da ordem do possível e da atualização, o que na teatralização performática do cliente, somada à disposição performativa e dialógica do gestalt-terapeuta, se utiliza do espontâneo, do novo, da improvisação, do criativo, a fim de ampliar a capacidade da pessoa de se envolver o mais completamente possível em determinada situação ou questão trazida e incentivar à ação (expressão corporal, respiração) e ampliação do nível verbal de comunicação.

No caso de *“Trabalho de conteúdo trazido pelo cliente”*, identificamos que é consenso entre autores que os manejos psicoterápicos devem alterar o senso que o indivíduo tem de seu fundo para que este identifique ser possível ter harmonia em sua vida, de maneira que o enfoque do trabalho deve ser experiencial, para que seja oportunizado ao cliente que reexperencie seus problemas e traumas no momento presente (aqui-agora) (ALMEIDA, 2010; ALVIM, 2011; ALVIM E RIBEIRO, 2009; CAMPOS, TOLEDO E FARIA, 2011; GALLI, 2009; MESQUITA, 2011; NASCIMENTO E VALE, 2013; SILVA E BOAVENTURA, 2011; REIS, 2014; VIEIRA E VANDENBERGHE, 2011); há uma provocação de desajustamento criativo, visando o reestabelecimento do fluxo de *awareness* e busca pela integração (experiência integradora) do cliente e se dá a partir de diálogo genuíno (ALVIM, 2011; MESQUITA, 2011; NASCIMENTO E VALE, 2013). Para tal, o enfoque do conteúdo trazido se dá a partir da descrição dos pensamentos e sentimentos vividos, enfatizando a experiência trazida pela pessoa (método fenomenológico) no presente, a fim de que tome posse de tudo o que a constitui, buscando recuperar sua relação de compromisso com o mundo (FERREIRA, 2009; VIEIRA E VANDENBERGHE, 2011).

Para manejo terapêutico em situações de conflito, Fukumitsu e Scavacini (2013) sugerem facilitar a reflexão crítica do fluxo de gestalten interrompido,

averiguando fantasias, que no caso do estudo, estão associadas ao suicídio, também sendo válido investigar para evitar pressuposições equivocadas. O trabalho deve ter foco na situação em que cliente acredita lhe causar mais conflitos para que possa conhecer como conflitos o afetam, ampliar a *awareness*.

Alguns autores afirmam que o conteúdo onírico (ALVIM, 2007c; SANTANA E YANO, 2014; SANTOS 2004) pode ser utilizado como instrumento exploratório de significados existenciais, compreensão de mensagens existenciais presentes (percepção subjetiva) quando, por exemplo, é convidado a atualizar cena onírica no presente dando vida aos personagens, complementando os cenários, etc.

Para Ribeiro, J. (2007) não se pode pensar em um processo psicoterápico sem resistência, e que por essa razão deve ser cuidadosamente observado e estudado. Significa tratar do processo ou elementos que a resistência contém, buscando compreender suas razões (o que a leva a proteger e tentar reequilibrar), não sendo necessário destruí-la ou modificá-la. O autor sugere o “Ciclo do contato” no qual o psicoterapeuta incentiva e propõe intervenções para o cliente experimentar sair do mecanismo de defesa por um fator de cura correspondente a sua interrupção no contato, de acordo com o local onde estagnou neste ciclo. O gestalt-terapeuta também resiste, em especial quando não faz os manejos necessários para efetivação do trabalho de *awareness* do cliente.

Nos estudos de Nunes e Holanda (2008) em que observam que geralmente os sintomas são corporificados, isso pode levar os profissionais a se aterem a queixas físicas. Todavia, o trabalho psicoterápico em GT se diferencia na percepção do sintoma como um mensageiro de significados outros (sentidos existenciais), portanto, não podendo simplesmente ser eliminado. E na especificidade do contexto pedagógico, Cavalcanti (2014) aborda o manejo terapêutico na exploração da *awareness* em avaliação e intervenção psicopedagógica, quando os sintomas observados são abandono do fluxo contínuo da comunicação, voltando à atenção do aluno sobre si, identificando o que ocorre no presente de uma atividade escolar e relatando processos que são ocultos. O psicopedagogo deve ser sensível e atento a manifestações no aprendiz, deve orientar a se conscientizar das conexões, para isso utiliza de experimentos e recursos de arteterapia e experimentos.

Quando for necessário “*Acionamento da rede de cuidado*”, Antony e Ribeiro (2005) sugerem contato com pais, professores e a própria criança (modelo pedagógico interacional). Também as autoras Costa e Dias (2005) identificaram a

importância de o profissional atuar com ética e posicionamento crítico no manejo com os pais, pois é complexo ter que lidar com as resistências e limitações impostas por muitos genitores, sendo um desafio fazer com estes uma aliança que componha uma rede de apoio para a criança. Mattar (2010) e Campos, Toledo e Faria (2011) afirmam ser válido conhecer os sistemas familiares e influências ambientais sobre a criança (lar, escola, igreja, cursos etc.), e até realizar atividades em conjunto nos atendimentos, a exemplo de mímica, desenhos, fantoches.

Para Antony (2009a, 2009b), o trabalho com as crianças que apresentam transtornos emocionais deve priorizar o processo de experienciar e de conscientização de si e de suas limitações, o que poderá ser estimulado com mudanças na relação (campo) com pais através do trabalho de desapego da relação, bem como o diálogo direto com esta rede de apoio (família, escola, comunidade).

3.3 Afinidade ou criação por modelo teórico

Na categoria Afinidade ou criação por modelo teórico elencamos os estudos por afinidade dos autores com uma teoria já proposta e apresentada na literatura da Gestalt ou os estudos em que os autores criaram seu próprio modelo de trabalho fundamentado. Por ora, foram identificados apenas estudos em que os autores seguem tendências teóricas, o que teria sido diferente caso o alcance desta pesquisa incluísse teses de doutorado – o que futuramente poderá ser investigado por outros pesquisadores no tema. Considerando isto, agrupamos pesquisas por tipos de teorias seguidas: 1. Estudos baseados em Teoria de Campo; 2. Estudos baseados em Teoria Organísmica e conceito de Autorregulação; 3. Estudos baseados em Teoria do Contato e conceito de Fronteira do Contato; 4. Estudos com noção gestáltica de Saúde e Doença e Psicopatologia e Ajustamentos Criativos; 5. Estudos baseados em Relação Dialógica; 6. Estudos baseados no conceito de *Awareness*; 7. Estudos baseados no Holismo; 8. Teorias diversas.

Para “*Estudos baseados em Teoria de Campo*” identificamos diversos autores: Almeida (2010), Antony (2009a, 2009b), Antony e Ribeiro (2005), Alvim

(2007a, 2011, 2012), Alvim e Ribeiro (2009), Alvim, Bomben e Carvalho (2010), Bruns (2014), Campos, Toledo e Faria (2011), Cardoso (2009), Cavalcanti (2014), Cavalcante e Borges (2009), Cavanellas (2009), Costa e Dias (2005), D'acri (2009), Ferreira (2009), Freitas, Stroiek e Botin (2010), Fukumitsu e Scavacini (2013), Fukumitsu, Tavares e Andrade (2009), Gurgel (2008), Mattar (2010), Melo, Boris e Stoltenborg (2009), Mesquita (2011), Nascimento e Vale (2013), Nunes e Holanda (2008), Pinto (2009), Reis (2014), Ribeiro, J. (2007), Rodrigues e Nunes (2010), Santana e Yano (2014), Silva e Arrelias (2010), Silva e Boaventura (2011), Tsallis (2009) e Vieira e Vandenberghe (2011). Galli (2009) e Freitas (2009) defendem a especificidade da compreensão de campo fenomenal da teoria de Merleau-Ponty.

Em *“Estudos baseados em Teoria Organísmica e conceito de Autorregulação”* elencamos os estudos de Almeida (2010), Alvim (2011, 2012), Alvim e Ribeiro (2009), Antony (2009a, 2009b), Campos, Toledo e Faria (2011), Cavalcanti (2014), D'acri (2009), Ferreira (2009), Freitas, Stroiek e Botin (2010), Fukumitsu e Scavacini (2013), Galli (2009), Gurgel (2008), Lima (2009), Nunes e Holanda (2008), Pinto (2009), Ribeiro, J. (2007), Rodrigues e Nunes (2010), Santana e Yano (2014), Silva e Boaventura (2011), e sendo importante ressaltar que alguns destes autores se utilizam da nomenclatura homeostase para se referir ao equilíbrio organísmico.

A partir dos *“Estudos baseados em Teoria do Contato e conceito de Fronteira do contato”* identificamos Almeida (2010), Alvim (2007a, 2011, 2012), Alvim e Ribeiro (2009), Alvim, Bomben e Carvalho (2010), Campos, Toledo e Faria (2011), Cavalcanti (2014), Cavalcante e Borges (2009), Cavanellas (2009), D'acri (2009), Freitas (2009), Freitas, Stroiek e Botin (2010), Fukumitsu e Scavacini (2013), Fukumitsu, Tavares e Andrade (2009), Gurgel (2008), Leão (2007), Mattar (2010), Mesquita (2011), Reis (2014), Rodrigues e Nunes (2010), Santana e Yano (2014), Silva e Arrelias (2010) e Tsallis (2009). Há autores que especificam o uso do “Ciclo do contato” (ANTONY, 2009a, 2009b; ANTONY E RIBEIRO, 2005; FERREIRA, 2009; MELO, BORIS E STOLTENBORG, 2009; SILVA E BOAVENTURA 2011).

No que se refere aos *“Estudos com noção gestáltica de Saúde e Doença e Psicopatologia e Ajustamentos criativos”* encontramos Almeida (2010), Antony (2009a, 2009b), Alvim (2011, 2012), Alvim e Ribeiro (2009), Alvim, Bomben e Carvalho (2010), Boris e Stoltenborg (2009), Campos, Toledo e Faria (2011), Cavalcanti (2014), Ferreira (2009), Freitas, Stroiek e Botin (2010), Fukumitsu e Scavacini (2013), Fukumitsu, Cavalcante e Borges (2009), Galli (2009), Lima (2009),

Mesquita (2011), Pinto (2009), Santana e Yano (2014), Silva e Arrelias (2010), Silva e Boaventura (2011) e Tsallis (2009), o que também inclui falar dos trabalhos acerca do papel da resistência, como em Ferreira (2009), Ribeiro, J. (2007) e Silva e Boaventura (2011). Diversos autores defendem a compreensão de que adoecimento e melhorias da saúde ocorrem por ajustamentos criativos com o meio (ALVIM E RIBEIRO, 2009; CAMPOS, TOLEDO E FARIA, 2011; CAVANELLAS, 2009; GALLI, 2009; MESQUITA, 2011; NUNES E HOLANDA, 2008; PINTO, 2009; REIS, 2014; RIBEIRO, J. 2007; SANTANA E YANO, 2014; SILVA E BOAVENTURA, 2011).

No aspecto “*Estudos baseados em Relação Dialógica*”, observamos os estudos de Almeida (2010), Bruns (2014), Campos, Toledo e Faria (2011), Ferreira (2009), Ferreira, Leão e Andrade (2008), Fonseca (2007), Freitas (2009), Freitas, Stroiek e Botin (2010), Fukumitsu, Cavalcante e Borges (2009), Gurgel (2008), Leão (2007), Mattar (2010), Nascimento e Vale (2013), Rodrigues e Nunes (2010), e Tavares e Andrade (2009).

Nos “*Estudos baseados no conceito de Awareness*”, identificamos Alvim (2011), Alvim e Ribeiro (2009), Alvim, Bomben e Carvalho (2010), Campos, Toledo e Faria (2011), Cavalcanti (2014), Fukumitsu e Scavacini (2013), Gurgel (2008), Leão (2007), Mattar (2010), Reis (2014), Rodrigues e Nunes (2010), Santana e Yano (2014), Tsallis (2009), e Vieira e Vandenberghe (2011).

Quanto aos “*Estudos baseados no Holismo*”, os autores que utilizaram o conceito foram: Alvim (2012), Antony e Ribeiro (2005), Campos, Toledo e Faria (2011), Cardoso (2009), Cavalcanti (2014), Costa e Dias (2005), Freitas, Stroiek e Botin (2010), Gurgel (2008), Mattar (2010), Nunes e Holanda (2008), Reis (2014), Rodrigues e Nunes (2010), Santana e Yano (2014) e Silva e Boaventura (2011). Para efeito de aglutinação do conhecimento, optamos por considerar também o conceito de integração citado por autores que tem como fundo o pensamento holístico (ALMEIDA, 2010; ALVIM e RIBEIRO, 2009; CAVANELLAS, 2009; SANTANA E YANO, 2014).

Para “*Teorias diversas*”, incluem estudos que destacam aspectos gerais da Psicologia da Gestalt (ALVIM, 2011, 2012; ALVIM E RIBEIRO, 2009; CAVALCANTI, 2014; FUKUMITSU e SCAVACINI, 2013; REIS, 2014; RODRIGUES e NUNES, 2010), como dinâmica de formação de figura-fundo (ALVIM E RIBEIRO, 2009; ANTONY, 2009a, 2009b; FERREIRA, 2009; FUKUMITSU e SCAVACINI, 2013;

GALLI, 2009; TAVARES e ANDRADE, 2009) e a respeito de polaridades (ANTONY, 2009a, 2009b).

Na questão da valorização da temporalidade no presente, identificamos pesquisas que ressaltam o aqui-agora como aspecto fundamental do trabalho psicoterápico (ALMEIDA, 2010; ALVIM, 2011; ALVIM E RIBEIRO, 2009; BRUNS, 2014; CAMPOS, TOLEDO e FARIA, 2011; GALLI, 2009; MESQUITA, 2011; NASCIMENTO e VALE, 2013; SILVA e BOAVENTURA, 2011; REIS, 2014; VIEIRA E VANDENBERGHE, 2011).

No trabalho de Costa e Dias (2005), identificamos diversas teorias por essa ser uma pesquisa que propunha o diálogo entre três abordagens. Desta forma, dialogou com bases e princípios do psicodrama e da abordagem centrada na pessoa como fontes da discussão. Destacamos ainda que notamos muitos autores interessados na reflexão de semelhanças entre a GT e Psicodrama (LIMA, 2009; VIEIRA e VANDENBERGHE, 2011).

Quanto a outros temas que comparecem na clínica, identificamos estudos que destacam: a religiosidade no que se refere à necessidade e à dificuldade de realizar escuta fenomenológica no trabalho psicoterapêutico da GT quando há questões de valores ético-religiosos envolvidos veementemente na realidade do profissional (TAVARES e ANDRADE, 2009); o manejo clínico do suicídio, considerado como situações de conflito, nas quais o trabalho deve ter foco na situação em que cliente acredita causar mais incômodo, a fim de que possa conhecer como esta o afeta e ampliar a *awareness*, focando na solução dos problemas, acolhendo respeitosamente o sofrimento e oferecendo alternativas além da morte (FUKUMITSU E SCAVACINI, 2013); no trabalho de psicoterapeutas iniciantes, em que necessitam acompanhar clientes com queixas sobre gênero e/ou diversidades afetivo-sexuais contemporâneas, a fala autêntica mútua entre profissional e cliente é fundamental, sendo importante haver domínio da fundamentação teórico-metodológica e escuta autêntica (BRUNS, 2014); Leão (2007) discute sobre adolescentes infratores, baseando-se em compreensões sobre psicologia social. Em Nascimento e Vale (2013) o destaque ocorre na discussão da ética, enfocando a necessidade do cuidado apontado por profissionais atuantes da clínica e utilizando conceitos de pós-modernidade e pensamento complexo de Edgar Morin.

No que se refere a discussões sobre o processo de mudança, identificamos a Teoria Paradoxal da mudança e perspectiva de cura no trabalho de Tsallis (2009) e

Pinto (2009), sendo que o primeiro considera a recalcitrância no cliente propondo a observação no percebido e no segundo estudo, utiliza-se da teoria de Alexander sobre psicoterapia breve, fundamentando-se na concepção de “experiência emocional corretiva” e propondo “experiência emocional atualizadora” em consonância com as reflexões da GT.

A Teoria do Self aparece nos estudos de Alvim (2012), Alvim e Ribeiro (2009), Ferreira (2009) e Santana e Yano (2014).

A respeito de temas que envolvem a Fenomenologia teoricamente, encontramos Cardoso (2009) que faz estudo de grupos terapêuticos. Santos (2004), Melo, Boris e Stoltenborg (2009) e Galli (2009) se utilizam da analítica de *Dasein* proposta por Heidegger. Alvim (2007a) dialoga com a psicologia da Gestalt, fenomenologia estética proposta por Mikel Dufrenne e compreensões de corporeidade da teoria merleauPontiana, realizando um diálogo articulado que contempla aspectos destas teorias. Fonseca (2007) utiliza os conceitos de atualização e poética para discussão do trabalho psicoterápico. Ribeiro, J. (2007) se utiliza de aspectos da psicanálise e da fenomenologia de Siegmund Heinrich Foulkes e sua própria teoria do ciclo do contato para estabelecer a reflexão. Tsallis (2009) usa como base a fenomenologia por Depraz, Varela e Vermesch.

Nos estudos de Antony (2009a, 2009b), Lima (2009) e Silva e Arrelias (2010), utilizam-se da teoria sistêmica (relações intersubjetivas). Gurgel (2008) entrelaçou a GT e a teoria sistêmica, de maneira que realçou os fundamentos sistêmicos da Gestalt e realçou a forma gestáltica da Terapia Sistêmica, utilizando conceitos comuns a ambas teorias, bem como o conceito de circularidade de Cechin, construtivismo ou construcionista social.

Outros temas como fundamentos da Abordagem Centrada na Pessoa aparecem como diálogo da fundamentação teórica da GT (BRUNS, 2014); Psicanálise (REIS, 2014; RIBEIRO, J., 2007); Contemporaneidade (ALVIM, 2012; ALVIM, BOMBEN E CARVALHO, 2010); Vazio Fértil e Nutrição Psicológica (SILVA E ARRELIAS, 2010); princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) e interdisciplinaridade (CAMPOS, TOLEDO E FARIAS, 2011); Sociologia (MESQUITA, 2011); Gestalt-pedagogia (CAVALCANTI, 2014) e Psico-oncologia (SILVA E BOAVENTURA, 2011), no entanto são destacados em obras que não contemplavam a questão metodológica ou propostas de manejo psicoterápico. Outras pesquisas não aprofundam a clínica em termos de manejo psicoterapêutico,

porém abordam o tema transversal a outras temáticas. Embora não agregadas em categorias temáticas, as pesquisas merecem destaque por suas relevâncias referentes à compreensão de clínica gestáltica, conforme destacamos em seguida.

Em Moreira (2009), há discussão das matrizes psicológicas usadas na base da GT e da Abordagem Centrada na Pessoa, com especial questionamento se ambas possuem enfoque fenomenológico. Alvim (2007b) busca a compreensão histórica do fundo que compôs a relação dos fundadores da GT com as artes (Fritz Perls com teatro, Laura com piano, dança e literatura e Goodman com poesia e escrita), o que leva ao entendimento do estilo de psicoterapia por eles pensado, na qual há preconização do movimento dialético em busca do significado das formas.

Pimentel e Araújo (2009) utilizam dos conceitos de Paul Ricoeur para analisar o discurso de uma adolescente, buscando identificar na experiência de violência sexual/psicológica vivida no âmbito familiar, a forma como (sobre)vive a este fenômeno, utilizando dos conceitos e fundamentos da GT. Soares (2009) indiretamente aponta aspectos da GT em seu funcionamento clínico por ser a fundamentação teórico-prática trabalhada nos estágios em que descreve supervisões.

Carvalho e Costa (2010) discutem a fundamentação e funcionalidade dos ajustamentos psicóticos tidos como processos vividos na relação. Vieira e Vandenberghe (2014a, 2014b) estudam fatores de aproximação e integração observados na teoria e por profissionais da GT e Psicodrama, apontando teoricamente aspectos sobre metodologia e manejo clínico.

3.4 Linhas de Pesquisa

Todos os artigos selecionados e analisados compõe uma linha de pesquisa sobre Metodologia qualitativa fenomenológico-existencial. Na linha de pesquisa sobre Teoria da Gestalt-terapia, constituímos subcategorias: “Processo psicoterápico”, “Postura do gestalt-terapeuta” e “Ajustamentos Criativos: neurose e psicose”. No que se refere ao Contexto clínico, incluímos estudos nas áreas do “Consultório privado”, “Instituições” para inclusão das pesquisas em ambientes de saúde pública e escolas e “Espaços comunitários” para demais trabalhos, sendo importante destacar que nem todos especificavam área.

Observamos que muitas pesquisas foram fruto de levantamento bibliográfico (ALMEIDA, 2010; ALVIM, 2006, 2011, 2012; ALVIM, BOMBEN e CARVALHO, 2010; ALVIM e RIBEIRO, 2009; ANTONY, 2009a, 2009b; ANTONY e RIBEIRO, 2005; CAVALCANTI, 2014; CAVANELLAS, 2009; FONSECA, 2007; FREITAS, 2009; FREITAS, STROIEK e BOTIN, 2010; FUKUMITSU, CAVALCANTE e BORGES, 2009; FUKUMITSU e SCAVACINI, 2013; GALLI, 2009; LIMA, 2009; MATTAR, 2010; MESQUITA, 2011; NUNES e HOLANDA, 2008; PINTO, 2009; REIS, 2014; RIBEIRO, J., 2007; SAMPAIO, 2004; SANTANA e YANO, 2014; SANTOS, 2004; SILVA e BOA VENTURA, 2011; VIEIRA e VANDENBERGHE, 2011), outros foram produzidos a partir de pesquisas de campo (COSTA e DIAS, 2005; FERREIRA, 2009; LEÃO e ANDRADE, 2008; NASCIMENTO e VALE, 2013; RODRIGUES e NUNES, 2010; TAVARES e ANDRADE, 2009) e outros estudos são da experiência de prática cotidiana do profissional que fez o estudo, como estudos de caso ou relatos de experiência (BRUNS, 2014; CAMPOS, TOLEDO e FARIA, 2011; CARDOSO, 2009; D'ACRI, 2009; GURGEL, 2008; LEÃO, 2007; MELO, BORGES e STOLTENBORG, 2009; SILVA e ARRELIAS, 2010; TSALLIS, 2009).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando a trajetória histórica da GT desde sua chegada ao Brasil e dialogando com os dados obtidos a partir de nossa pesquisa, torna-se curiosamente interessante destacar semelhanças e divergências encontradas.

Por volta de 1972, Therese Amelie Tellegen chega de Londres, onde havia participado de dois grupos demonstrativos a respeito da abordagem gestáltica; o cenário no Brasil seguia a tendência mundial de discussões da Psicologia como ciência, com debates a respeito da hegemonia do pensamento individualizado (“intraprésiquico”) e direcionado para um “fazer” clínico e de atuação tida como elitista, sendo o profissional liberal. O momento sócio histórico era favorecedor da entrada de novas linhas terapêuticas no país, pelo fim da ditadura militar, com clima de maior abertura política e de redemocratização, discursos filosóficos de heterogeneidade, pluralidade, a flexibilidade por um lado e a instabilidade e a incerteza por outro. Neste período, juntamente com Therese Tellegen, outras duas pessoas, Thereza (Tessy) Hantzschel e Jean Clark Juliano montam um grupo de estudos em GT, com enfoque no livro “Gestalt-terapia” de Perls, Hefferline e Goodman (BASTOS, 2009; HOLANDA e FARIA, 2005; JULIANO, 2006; NICARETTA, 2012; RIBEIRO, 1998; SILVEIRA e PRESTRELO, s/a).

Ribeiro (apud SUASSUNA E HOLANDA, 2009) elencou outros atores principais da GT, como Vera Felicidade de Almeida Campos que escreveu o livro “Psicoterapia Gestáltica – conceituações”, em 1972. Segundo Prestrelo (2012), a chegada da abordagem no Brasil segue as mesmas tendências da GT no mundo, quando profissionais trazem consigo sua experiência vivencial compartilhada em outros países e a disseminam, ao estilo que Perls adotou em sua forma “pé na estrada”.

Gomes et.al. (2004) citam haver uma aparente prevalência do estigma de abordagem a-teórica na GT – citado por outros autores (BROWNELL et.al., 2014; GOMES et.al., 2004; GOMES, 2001; HOLANDA, 2009) -, em função dos primeiros livros lançados no país, o que teria sido reforçado pelo lançamento de *Tornar-se presente* de John Stevens (1971/1976), com descrição de séries de exercícios de conscientização para serem executados individualmente ou em grupos. No entanto, em nossa pesquisa identificamos que nos primeiros anos da chegada da GT no Brasil, o enfoque dos estudos se deu para questões referentes à clínica, o que

também foi identificado ainda presente em obras da última década (ALVIM, 2007c; BEZERRA, 2007; BORIS, 2014; CARNEIRO e ABRITTA, 2008; LIMA, 2008; MOREIRA, 2009; VERAS; 2008), conforme é possível observar no início do movimento gestáltico em São Paulo em 1972, quando foi lançada a primeira publicação sobre GT intitulada “Elementos de Psicoterapia”, no Boletim de Psicologia da Sociedade de Psicologia de São Paulo (PRESTRELO, 2012).

O campo de debates “privativo” *versus* “práticas sociais” foi rompido no final da década de 70, quando os serviços psicológicos passaram a ser direcionados a camadas populares, a partir da iniciação em serviços públicos e instituições (emergências de saúde e hospitais psiquiátricos), configurando a noção real de compromisso social da profissão (BASTOS, 2009; FERREIRA NETO, 2004; HOLANDA e FARIA, 2005; NICARETTA, 2012). Esta tendência nos pareceu continuar até o presente momento, no sentido de que, nas pesquisas analisadas a respeito da última década de produção, observamos que há inúmeros estudos provenientes de experiências de consultório privado, bem como de práticas em outros contextos clínicos, como espaços institucionais e comunitários.

A partir da criação do *Instituto Sedes Sapientiae*, em 1977, por Madre Cristina, entendia-se que este era um espaço político para praticar o projeto de transformar a sociedade. Lá houve o primeiro curso de “Especialização na Abordagem Gestáltica em Psicoterapia”, o qual permanece em pleno funcionamento até hoje (SUASSUNA e HOLANDA, 2009). Observa-se nos estudos da última década que as pesquisas provenientes de pós-graduações por todo Brasil ainda hoje assumem esta postura política, como espaço de diálogo sobre a prática profissional e a quem o serviço é prestado, como pode ser destacado nos estudos de Martucelli (2011) a respeito da relação médico-paciente e de Costa (2008) sobre a percepção de tempo por adolescentes do gênero feminino que vivem na rua e em abrigos.

Esta tendência do período de 2004-2014 ratifica a afirmação de Juliano (2006) de que a GT passou, paulatinamente, a ser aceita no mundo acadêmico, especialmente a partir de dissertações e de teses de doutorado, com crescimento da demanda na produção científica e pela procura cada vez maior por qualificação.

Incorrendo a história de produção literária, identificamos que foi na década de 80 que diversos profissionais brasileiros, de maneira independente, buscaram treinamento, especialmente no Instituto de Esalen (Califórnia), movidos pela ânsia

de “beber na fonte”, nas palavras de Teresinha Mello (PRESTRELO, 2012; SILVEIRA e PRESTRELO, s/a). Lima (2005) e Alvim (2014) afirmam que Patrícia Lima juntamente com outros gestaltistas (a saber Walter Ribeiro, Paulo Barros, Abel Guedes e Lilian Frazão) tentaram construir uma GT consolidada e fundamentada e não apenas uma mera aplicação de técnicas da Gestalt sem teoria. Tal tendência também foi identificada na atualidade pela prevalência, na última década, de estudos teóricos na forma de levantamentos bibliográficos, e, em menor, proporção os estudos de campo.

A primeira publicação de livro brasileiro de Gestalt foi em 1984, quando Therese publicou *Gestalt e Grupos: uma perspectiva sistêmica* e, em 1985, Jorge Ponciano Ribeiro publicou o *Gestalt-Terapia: Refazendo um caminho*, destacando as diversas fontes teóricas e filosóficas da abordagem (RIBEIRO, 1985). Pouco a pouco, foi possível conceber a transição de um grupo de gestalt-terapeutas isolados para um movimento de GT no Brasil (HOLANDA e KARWOWSKI, 2004; JULIANO, 2006).

Holanda e Karwowski (2004) propuseram catalogar a produção referente à GT e à abordagem gestáltica no Brasil, a partir das dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas neste país entre os anos de 1982 e 2002. Na ocasião, eram 35 produções, que foram analisadas qualitativamente em seus resumos com o objetivo de descrever a formação, a construção e o desenvolvimento da GT e da abordagem gestáltica no Brasil. Holanda (2009), por sua vez, apresenta um artigo em que destaca dados obtidos da catalogação de 51 produções, entre mestrados e doutorados, produzidos no Brasil, entre 1982 a 2008, observando a prevalência de debates na perspectiva epistemológica e a ampliação do campo de aplicação do pensamento gestaltista, com diversificação do campo para além do terreno das psicoterapias. Esta questão foi claramente observada nas inúmeras discussões interdisciplinares enriquecendo criativamente a atuação da GT da década analisada nesta dissertação como nos trabalhos sobre corporeidade (ALVIM, 2007c, 2011), sobre GT e psicopedagogia (CAVALCANTI, 2014), sobre GT e física quântica (NADAI e JARDIM, 2010), sobre GT e psicodrama (VIEIRA e VANDENBERGHE, 2011, 2014a, 2014b; VIEIRA, OLIVEIRA e FERREIRA, 2013), sobre GT e religião (PINTO, 2007, 2008; TAVARES e ANDRADE, 2009) e sobre GT e terapia sistêmica (GURGEL, 2008).

Holanda (2009) aponta reflexões sobre publicações de livros no Brasil e como estas influenciam o pensamento dos profissionais do país, considerando que alguns livros tidos como importantes referências da abordagem por todo o mundo aparentemente chegaram tardiamente ao Brasil, o que, segundo o autor, pode ser uma das motivações para conceituações e interpretações enviesadas e errôneas quanto à delimitação da abordagem. Tais percepções podem ser exemplificadas nas publicações de livros fundamentais da GT que somente tiveram tradução para o português muito posteriormente, como *Gestalt-therapy* de 1951 que no Brasil foi publicado em 1997. Igualmente ocorreu com a primeira edição do livro de *Ego, fome e Agressão*, publicado no Brasil apenas em 2002.

Outra pesquisa interessante, acerca da história e o desenvolvimento da GT no Brasil, foi a dissertação de Esch (2012) que buscou apontar a influência de seus fundadores para a edificação da teoria e prática da GT, utilizando-se de investigação sobre a produção escrita na área, desde na década de 70, com o descritor “gestalt-terapia” e/ou “abordagem gestáltica”, a partir da análise de artigos especializados em GT (identificou 500 títulos), artigos publicados em periódicos em geral (identificou 59 artigos) e dissertações e teses (identificou 70 títulos, sendo 57 dissertações e 13 teses), observando assim que a GT expandiu-se para outras áreas da psicologia, ampliando sua atuação para além das fronteiras da psicologia clínica e da prática psicoterápica, como também foi observado nos estudos sobre a sexualidade feminina (MÖLLER e ANDRADE, 2011), violência intrafamiliar (BRASIL e ANDRADE, 2013; PIMENTEL e ARAÚJO, 2009), aprendizagem (MAIA, FREIRE e OLIVEIRA, 2012; POPPA, 2013), sobre cultura da paz para melhoria das relações interpessoais (FITTIPALDI, 2007), sobre processos de luto (FUKUMITSU, 2013).

A produção científica de GT no Brasil é diversificada, como se pode observar em produções no formato de periódicos, onde, segundo catalogação de Juliano (2006), já era possível contar com a publicação de duas revistas brasileiras: o *Gestalt-Terapia Jornal*, publicação do Centro de Estudos de Gestalt do Paraná e a *Revista de Gestalt*, publicada pelo Departamento de Gestalt do Instituto Sedes Sapientiae. Prestrelo (2012) acrescentou na catalogação: *PRESENÇA: Revista Vita de Gestalt-Terapia*, do Rio de Janeiro (extinta). Além das revistas citadas, em levantamento realizado sobre revistas eletrônicas e de institutos, encontramos: *Revista da Abordagem Gestáltica*, *Revista Aw@re*, *Revista do IGT na Rede*, *Revista*

do NUFEN e impressas são Boletim de Gestalt-terapia, Revista Gestalt-terapia Jornal, Revista Sampa GT e Boletim de Gestalt-Silvério Karkowski.

De acordo com Prestrelo (2012), com a evolução do movimento da GT, é possível identificar duas formas de continuidade: de um lado um grupo de terapeutas com enfoque acerca das especificidades da prática (como ocorre e em que bases se alicerçam, notadamente identificando semelhanças aos “caras-pálidas”), e de outro lado um grupo de profissionais que se mantém “presos” à forma inicial da GT, tida como visceral (notadamente identificando semelhanças aos “peles-vermelhas”). Para Juliano (2006), pode-se destacar que não há apenas dois grupos (caras-pálidas e peles-vermelhas) e sim uma verdadeira colcha de retalhos de influências. Entretanto, para Ribeiro, no prefácio de Suassuna e Holanda (2009), os referidos autores deixam claro que no Brasil não houve simpatia à tendência americana de divisão em “caras-pálidas” e “peles-vermelhas”, ainda que haja autores que discordem desta opinião. Na opinião de Karwowski (2005), é possível dizer que a GT, no Brasil, vive na condição de dupla revisão, que se refere às suas posições teóricas e do próprio processo de teorização, o que, de certa maneira, coaduna com a percepção de Freitas (2009), que afirma ser a questão “cara-pálida” *versus* “peles-vermelhas” um antagonismo desgastado e debatido e que precisa ser repensado, considerando que nenhuma prática existe sem a teoria, ou como se toda construção teórica fosse normatizante. Nesta dissertação, identificamos que há muitas pesquisas bibliográficas que buscam debater a teoria, aparentemente buscando embasamento clínico pela repetição da produção teórica. No entanto, a partir da produção de outras linguagens e novos diálogos, inclusive com outras teorias fora da ciência psicológica e da GT, não fica claro um seguimento na última década quanto às correntes americanas citadas (“cara-pálida” e “peles-vermelhas”).

De acordo com Gomes (2001), não se pode considerar que uma abordagem em psicoterapia não prescindia da vivência nem da intelectualidade, pois, segundo sua compreensão, não há e nem pode haver tal distinção no humano. Suassuna e Holanda (2009) destacam que há uma produção científica de qualidade em diversos setores que, inclusive, pode ser considerada superior à literatura estrangeira, o que contribui para construção de conhecimento epistemologicamente, embasando as propostas de ação no Brasil.

Feitas estas considerações gerais sobre a produção literária da GT no Brasil, após compor as análises das 03 (três) categorias temáticas, para fins de conclusão,

sintetizamos as respostas à questão de pesquisa: as principais tendências metodológicas do fazer clínico do período de 2004 a 2014 são fenomenologia e fenomenologia heideggeriana. No manejo psicoterapêutico, identificamos o exercício clínico da referida década, baseado na compreensão de campo, quando o gestalt-terapeuta é o próprio meio/instrumento de trabalho clínico, assumindo a impossibilidade de ser neutro e esta percepção ser fundamental para as propostas de experimentação do cliente, já que o profissional será tocado pela vivência das demandas do cliente e identificará, em si mesmo, qual a condução possível para os fenômenos percebidos. O cliente, por sua vez, baseado no acolhimento e respeito sentido na vivência desta experiência genuína e dialógica com o profissional, conduzirá o processo de acordo com suas necessidades, sendo ou não necessário o uso de recursos (experimentos, ludicidade, arteterapia) e/ou o apoio da rede de relações interpessoais. A produção científica apresenta como principal modelo teórico na atuação do gestalt-terapeuta a teoria de campo, seguido da teoria organísmica e compreensão de psicopatologia gestáltica.

Também é possível observar o destaque apresentado nas produções literárias para a importância da relação dialógica, identificada a partir do posicionamento e postura do profissional, bem como o objetivo do processo psicoterápico ser a ampliação da consciência. Estes dados ratificam a importância dada por Yontef (1998) nas cinco características que, ao seu ver, marcam o relacionamento dialógico: inclusão, presença, comprometimento com o diálogo, sem exploração e o diálogo ser vivido.

Embora não necessariamente representem as assertivas das articulistas, destacamos também algumas afirmações identificadas ao longo do levantamento bibliográfico: 1) a constituição inicial da GT foi caracterizada pela falta de produção teórica (BROWNELL et.al., 2014; GOMES, 2001; GOMES et.al., 2004; HOLANDA, 2009); 2) divergência de posturas entre os fundadores (ESCH, 2012; GOMES, 2001; JULIANO, 2006; PRESTRELO, 2012), considerando Fritz Perls criativo, Laura Perls teórica e Paul Goodman intelectual; 3) a afirmação anterior é estendida aos adeptos de cada um dos fundadores (JULIANO, 2006; PRESTRELO, 2012), alguns ausentes de posturas convencionais e com ênfase na criatividade, conforme Perls e outros, tendenciando a ênfase teórica, aparentemente influenciados por Laura; 4) necessidade de comprovação científica quanto a eficácia da GT no trabalho clínico (GOLD e ZAHM, 2014), enquanto outros trabalhos destacam a solidez da GT, a

partir da ratificação da diversidade de técnicas e possibilidades de manejo (GOLD e ZAHM, 2014; HOLANDA, 2009; RIBEIRO, 2011); 5) necessidade de se fazer pesquisas em GT (GOLD e ZAHM, 2014; HOLANDA, 2009).

Observamos que tais perspectivas não representam aspectos identificados nos trabalhos encontrados no cenário brasileiro de produção literária do período entre 2004 e 2014. Notamos uma necessidade dos autores brasileiros de buscarem referências em outros autores, seja a nível nacional como internacional, com vasta produção que se utiliza de conceitos apontados desde os princípios da abordagem no Brasil, o que de certa forma representa pouca iniciativa em produzir novos elementos e teorias acerca da prática clínica.

Para finalizar, destacamos que esta dissertação tem limites de alcance em razão do tempo, o que viabiliza futuras pesquisas para continuidade e/ou ampliação do estudo com inclusão de outras bibliografias.

São quinze horas e três minutos de um domingo ensolarado de abril. Minha orientadora anuiu o Ponto Final. Estas palavras foram proferidas por ela. A legenda agora mira em uma jornada que abraça vastos horizontes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Josiane Maria Tiago de. Reflexões sobre a prática clínica em Gestalt-terapia: possibilidades de acesso à experiência do cliente. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v.16, n.2, Goiânia, dez., 2010. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672010000200012&script=sci_arttext> Acesso 02 ago. 2015.

ALVIM, Mônica Botelho. **A poética da experiência: Gestalt-terapia, fenomenologia e arte**. 1.ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

_____. A relação do homem com o trabalho na contemporaneidade: uma visão crítica fundamentada na Gestalt-Terapia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. v.6, n.2, 2006. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v6n2/artigos/pdf/v6n2a10.pdf>> Acesso em: 17 dez. 2015.

_____. Experiência Estética e corporeidade: fragmentos de um diálogo entre GestaltTerapia, Arte e Fenomenologia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. v.7, n. 1, p. 138-146, abr., 2007a. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v7n1/artigos/pdf/v7n1a12.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2015.

_____. **Ato artístico e ato psicoterápico como Experiment-ação**: diálogos entre a fenomenologia de Merleau-Ponty, a arte de Lygia Clark e a Gestalt-Terapia. Tese (Doutorado em Psicologia, Universidade de Brasília), 2007b. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/6582>> Acesso em: 02 jan. 2016.

_____. O fundo estético da Gestalt-terapia. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v. XIII, n. 1, jan-jun., 2007c, p.13-24. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672007000100002&script=sci_arttext> Acesso em: 12 out. 2015.

_____. Ontologia da carne em merleau-ponty e a situação Clínica na gestalt-terapia: entrelaçamentos. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v.17, n.1, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672011000200005&script=sci_arttext> Acesso em: 18 set. 2015.

_____. A clínica como poiética. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**. v. 12, n.3, p. 1007-1023, 2012. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/8234>> Acesso em: 20 out. 2015.

ALVIM, Mônica Botelho; BOMBEN, Emmanuela; CARVALHO, Natália. “Pode deixar que eu resolvo!” – retroflexão e contemporaneidade. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v.16, n.2, p. 183-188, jul-dez, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672010000200008&script=sci_arttext> Acesso em: 18 set. 2015.

ALVIM, Mônica Botelho; RIBEIRO, Jorge Ponciano. O lugar da experiment-ação no trabalho clínico em gestalt-terapia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. v. 9, n.1, p. 36-57, 2009. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v9n1/artigos/pdf/v9n1a05.pdf>> Acesso em: 12 dez. 2015.

AMENDOLA, Marcia Ferreira. Formação em Psicologia, demandas sociais contemporâneas e ética: uma perspectiva. **Psicologia: ciência e profissão**, RJ: UERJ, 34 (4), 2014, p. 971-983.

ANTHONY, Sheila Maria da Rocha. A criança com transtorno de ansiedade: seus ajustamentos criativos defensivos. **Revista da Abordagem Gestaltica**. v. 15, n.1, 2009a. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672009000100009&script=sci_arttext>. Acesso em: 12 ago. 2015.

_____. Os ajustamentos criativos da criança em sofrimento: uma compreensão da gestalt-terapia sobre as principais psicopatologias da infância. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**. v.9, n.2, 2009b. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000200007&lng=es&nrm=is&tlng=pt> Acesso em: 12 out. 2015.

ANTHONY, Sheila Maria da Rocha; RIBEIRO, Jorge Ponciano. Hiperatividade: doença ou essência - um enfoque da gestalt-terapia. **Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 25, n. 2, 2005, p. 186-197. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v25n2/v25n2a03.pdf>> Acesso em: 15 nov. 2015.

ARAÚJO, Lucivaldo da Silva. **Hermenêutica gestáltica do abuso sexual para uma adolescente**. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Universidade Federal do Pará), 2007. Disponível em: <http://www.ppgp.ufpa.br/index.php?option=com_content&view=article&id=49&Itemid=58> Acesso em: 12 ago. 2015.

BASTOS, Antonio Virgilio Bittencourt. O mundo das organizações e do trabalho: o que significa compromisso social? In: SOUZA, Mauricio Rodrigues de; LEMOS, Flavia Cristina Silveira. (orgs.) **Psicologia e Compromisso social: unidade na diversidade**. São Paulo: Escuta, 2009.

BAYMA, Roberta Bentes Flores. **Compreensão gestáltica do discurso de adolescentes masculinos em cumprimento de liberdade assistida no município de Barcarena – Pa**. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Universidade Federal do Pará), 2010. Disponível em: <http://www.ppgp.ufpa.br/index.php?option=com_content&view=article&id=49&Itemid=58> Acesso em: 12 ago. 2015.

BEZERRA, Marcia Elena Soares. **Um estudo crítico das psicoterapias fenomenológico-existenciais: terapia centrada na pessoa e gestalt-terapia**. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Universidade Federal do Pará), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2007. Disponível em: <www.ppgp.ufpa.br/dissert/Marcia.pdf> Acesso 02 ago. 2015.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc. Elementos para uma história da Psicoterapia de grupo. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v.20, n.2, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672014000200008&script=sci_arttext> Acesso em: 02 nov. 2015.

BRASIL, Mariana Costa; ANDRADE, Celana Cardoso. Reconfiguração de campo do familiar cuidador do portador de Alzheimer. **Psicologia em Estudo**. v.18, n.4, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722013000400013&script=sci_arttext.. Acesso em: 15 set.2015.

BRITO, Maria Alice Queiroz de. Gestalt-terapia na clínica ampliada. In: FRAZÃO, Lílian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (orgs.). **A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2015.

BROWNELL, Philip; MEARA, Alan; POLÁK, Anton. Introdução e objetivo deste manual. In: BROWNELL, Philip. **Manual de teoria, pesquisa e prática em Gestalt-terapia**. Tradução de Maria Oneide Willey. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BRUNS, Maria Alves de Toledo. Psicoterapeutas iniciantes: os desafios das diversidades afetivo-sexuais. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. v.63, n.1, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000100008>Acesso em: 10 nov. 2015.

CAMPOS, Bruna Gonçalves; TOLEDO, Tatiana Bruno de; FARIA, Nilton Júlio de. Clínica gestáltica infantil e integralidade em uma unidade básica de saúde. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v.17, n.1, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672011000100005&script=sci_arttext> Acesso em: 19 set. 2015.

CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. Relação, atitude e dimensão ética do encontro terapêutico na clínica gestáltica. In FRAZÃO, Lílian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (orgs.). **A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2015.

CARDOSO, Cláudia Lins. Grupos terapêuticos na abordagem gestáltica: uma proposta de atuação clínica em comunidades. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**. v. 9, n.1, p. 124-138, 2009. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v9n1/artigos/pdf/v9n1a10.pdf>> Acesso em: 12 out. 2015.

CARNEIRO, Cláudia; ABRITTA, Stella. Formas de existir: a busca de sentido para a vida. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v.14, n.2, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672008000200006&script=sci_arttext> Acesso em: 10 set. 2015.

CARVALHO, Lílian Cherulli de; COSTA, Ilene Izídio da. A clínica gestáltica e os ajustamentos do tipo psicótico. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v.16, n.1, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672010000100003&script=sci_arttext>Acesso em: 22 nov.2015.

CAVALCANTI, Adriane. Gestalt-terapia e psicopedagogia. **Construção Psicopedagógica**. V.22, n.23, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-69542014000100010&script=sci_arttext> Acesso em: 10 ago. 2015.

CAVANELLAS, Luciana Bicalho. Intimidade – o incomum lugar comum num universo de alheios. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. v.9, n.1, p.162-171, 2009. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/9142/7517>> Acesso 10 ago. 2015.

COSTA, Danilo Suassuna Martins. **História da Gestalt terapia no Brasil contada por seus “primeiros atores”**: um estudo historiográfico no eixo São Paulo-Brasília. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia), 2008. Disponível em: tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=475> Acesso 28 fev. 2015.

COSTA, Virginia Elizabeth Suassuna Martins. Compreendendo o tempo vivido por adolescentes do gênero feminino com experiências de viver na rua e em abrigos. **Tese (Doutorado em Psicologia, Universidade de Brasília)**, 2008. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/3453>. Acesso em: 11 ago. 2015.

COSTA, Maria Ivone Marchi; DIAS, Cristina Maria Souza Brito. A prática da psicoterapia infantil na visão de terapeutas nas seguintes abordagens: psicodrama, Gestalt terapia e centrada na pessoa. **Estudos de Psicologia**. v. 22, n. 1, 2005, p. 43-51 jan – março. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2005000100006&script=sci_arttext> Acesso em: 12 out.2015.

D`ACRI, Gladys Costa de Moraes Rêgo Macedo. Reflexões sobre o contrato terapêutico como instrumento de autorregulação do terapeuta. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v. 15, n.1, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672009000100007> Acesso em: 12 out. 2015.

DUTRA, Elza. Considerações sobre as significações da psicologia clínica na contemporaneidade. **Estudos de Psicologia**. v.9, n. 2, p. 381-387, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n2/a21v9n2.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2015.

ENGELMANN, Arno. A Psicologia da gestalt e a ciência empírica contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. v. 18, n. 1, p. 001-016, jan-abr, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0102-37722002000100002>. Acesso 28 fev. 2015.

ERCOLE, Flávia Falci; MELO, Laís Samara de; ALCOFORADO, Carla Lúcia Goulart Constant. Revisão integrativa *versus* revisão sistemática. **Revista Mineira Enfermagem**. v.18, n.1, p. 1-260, jan/mar, 2014. Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/904>. Acesso 02 ago. 2015>.

ESCH, Cristiane Ferreira. **Descortinando o passado para vislumbrar o porvir**: da gestalt-terapia à abordagem gestáltica no Brasil – 40 anos de histórias. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro), 2012. Disponível em: <http://www.gestaltsp.com.br/descortinando-o-passado-para-vislumbrar-o-porvir-da-gestalt-terapia-a-abordagem-gestaltica-no-brasil-40-anos-de-historias/>> Acesso em: 22 nov. 2015.

FERREIRA, Thatianny Bezerra Moreira. Implicações dos comportamentos repetitivos no contexto das relações amorosas. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v.15, n.1, p.30-35, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672009000100005&script=sci_arttext> Acesso 08 ago. 2015.

FERREIRA, Wanderléa Nazaré Bandeira. **(In)visíveis sequelas**: violência psicológica contra a mulher sob o enfoque gestáltico. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Universidade Federal do Pará), 2010. Disponível em: <http://www.ppgp.ufpa.br/index.php?option=com_content&view=article&id=49&Itemid=58>. Acesso em: 12 ago. 2015.

FERREIRA, Livia Cardoso; LEÃO, Nara Cristina; ANDRADE, Celana Cardoso. Viuvez e luto sob a luz da gestalt-terapia: experiências de perdas e ganhos. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v. 14, n.2, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000200002> Acesso em: 10 set. 2015.

FERREIRA NETO, João Leite. **A formação do psicólogo**: clínica, social e mercado. São Paulo: Escuta, 2004.

FIGUEIREDO, Luis Cláudio M.; SANTI, Pedro Luiz Ribeiro de. **Psicologia**: uma (nova) introdução. São Paulo: EDUC, 2011.

FITTIPALDI, Adriana Quintas. **Construindo uma cultura de paz**: a abordagem gestáltica como instrumento. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Universidade de Brasília), 2007. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/3230>> Acesso em: 03 jan. 2016.

FONSECA, Afonso Henrique Lisboa da. Gestalt-terapia: metodológica da atualização performática improvisativa da performance figura e fundo, performática da forma, performática da ação, performática do contato, performática da atualização. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. v.9, n.1, 2007, p. 28-36. Disponível em: <<http://igt.psc.br/ojs2/index.php/igtnarede/article/viewFile/1917/2615>> Acesso em: 15 nov. 2015.

FREITAS, Joanneliese de Lucas. Reflexões sobre a relação psicoterapêutica: diálogos com Merleau-Ponty. **Revista da Abordagem Gestaltica**. v.15, n.2, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672009000200005&script=sci_arttext> Acesso em: 12 dez. 2015.

FREITAS, Joanneliese de Lucas; STROIEK, Nutty Nadir; BOTIN, Débora. Gestalt-terapia e o diálogo psicológico no hospital: uma reflexão. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v.16, n.2, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672010000200003&script=sci_arttext> Acesso em: 22 nov.2015.

FUKUMITSU, Karina Okajima. **O processo de luto do filho da pessoa que cometeu suicídio**. Tese (Doutorado em Psicologia, Universidade de São Paulo), 2013. Disponível em:

<www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde.../fuku_corrigida.pdf> Acesso em: 15 ago. 2015.

FUKUMITSU, Karina Okajima; CAVALCANTE, Flaviana; BORGES, Marcelo. O cuidado na saúde e na doença: uma perspectiva gestáltica. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**. v.9, n.1, p. 174-184, 2009. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v9n1/artigos/pdf/v9n1a14.pdf>. Acesso em: 12 out. 2015.

FUKUMITSU, Karina Okajima; CAVALCANTE, Flaviana; BORGES, Marcelo. O cuidado na saúde e na doença: uma perspectiva gestáltica. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**. v.9, n.1, p. 174-184, 2009. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v9n1/artigos/pdf/v9n1a14.pdf>> Acesso em: 12 out. 2015.

FUKUMITSU, Karina Okajima; SCAVACINI, Karen. Suicídio e Manejo Psicoterapêutico em Situações de Crise: Um a Abordagem Gestáltica. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v.19, n.2, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000200007> Acesso em: 02 nov. 2015.

GALLI, Loeci Maria Pagano. Um olhar fenomenológico sobre a questão da saúde e da doença: a cura do ponto de vista da gestalt-terapia. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**. v.9, n.1, 2009. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v9n1/artigos/pdf/v9n1a06.pdf>> Acesso em: 12 dez. 2015.

GINGER, Serge; GINGER, Anne. **Gestalt: uma terapia do contato**. 4.ed. São Paulo: Summus, 1995.

GOLD, Eva; ZAHM, Stephen. A necessidade de pesquisa em gestalt-terapia. In: BROWNELL, P. **Manual de teoria, pesquisa e prática em Gestalt-terapia**. Tradução de Maria Oneide Willey. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GOMES, Patricia Wallerstein. **Gestalt-terapia: herança em re-vista**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco), Recife: UNICAP, 2001.

_____. **Pesquisa e prática em psicologia no Brasil**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/museupsi/ppnb.htm>> Acesso 19 set. 2015.

GOMES, Patricia Wallerstein; HOLANDA, Adriano Furtado; GAUER, Gustavo. **Psicologia Humanista no Brasil**. Porto Alegre: MuseuPsi, 2004. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/museupsi/brasilpsio.htm>. Acesso 19 set 2015>.

GURGEL, Marília Toscano de Araujo. Gestalt-terapia e terapia sistêmica: o corpo em psicoterapia. **Fractal Revista de Psicologia**. v. 20, n. 1, p. 253-268, Jan./Jun., 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/fractal/v20n1/a23v20n1.pdf>> Acesso em: 10 out. 2015.

HALL, Calvin S.; LINDZEY, Gardner; CAMPBELL, John B. **Teorias da Personalidade**. 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HELOU, Fádua. **Frederick Perls, inquietações e travessias**: da psicanálise à gestalt-terapia. Brasília: 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, DF). Disponível em: <repositorio.unb.br/bitstream/10482/14650/1/2013_FaduaHelou.pdf> Acesso 01 fev. 2015.

HOLANDA, Adriano Furtado. Pesquisa fenomenológica e psicologia eidética: elementos para um entendimento metodológico. In: BRUNS, Maria Alves de Toledo; HOLANDA, Adriano Furtado (orgs.). **Psicologia e Fenomenologia**: reflexões e perspectivas. Campinas, SP: Alínea, 2007.

_____. Gestalt-terapia e abordagem gestáltica no Brasil: análise de mestrados e doutorados (1982-2008). **Revista Psi**, 2009. UERJ. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/>> Acesso 01 fev.2015.

_____. (org.). **O campo das psicoterapias**: reflexões atuais. Curitiba: Juruá, 2012.

HOLANDA, Adriano Furtado; FARIA, Nilton Julio de. (orgs.). **Gestalt-terapia e contemporaneidade**: contribuições para uma construção epistemológica da teoria e da prática gestáltica. Campinas: Editora Livro Pleno, 2005.

HOLANDA, Adriano Furtado; KARWOWSKI, Silvério Lúcio. Produção acadêmica em gestalt-terapia no Brasil: análise de mestrados e doutorados. **Psicologia Ciência e Profissão**, 24 (2), 2004, p.60-71. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v24n2/v24n2a08.pdf>> Acesso em: 20 nov. 2015.

HYCNER, Richard. **De pessoa a pessoa**: psicoterapia dialógica. São Paulo: Summus, 1995.

JULIANO, Jean Clark. Gestalt-terapia: revisitando as nossas histórias. **IGT na rede**, 2006. Disponível em: <<http://www.igt.psc.br/ojs/include/getdoc.php?id=654&article=33&mode=pdf>> Acesso em: 01 março 2015.

KARWOWSKI, Silvério Lúcio. **Gestalt-terapia e fenomenologia**: considerações sobre o método fenomenológico em gestalt-terapia. Campinas: Livro Pleno, 2005.

KIYAN, Ana Maria Mezzarana. **E a Gestalt emerge**: vida e obra de Frederick Perls. Coleção Identidades. São Paulo: editora Altana, 2001.

LEÃO, Nara Cristina. “Incríveis infratores” – adolescentes estigmatizados em encontro com a gestalt-terapia. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v. XIII, n. 1, 2007, p. 51-61, jan-jun. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672007000100004&script=sci_arttext>. Acesso em: 17 dez. 2015.

LIMA, Patrícia Valle de Albuquerque. Criatividade na Gestalt-terapia. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**. v. 9, n.1, 2009. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v9n1/artigos/pdf/v9n1a08.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2015.

_____. A Gestalt-terapia no contexto científico e intelectual contemporâneo. In: HOLANDA, Adriano Furtado; FARIA, Nilton Julio de. (orgs.). **Gestalt-terapia e contemporaneidade**: contribuições para uma construção epistemológica da teoria e da prática gestáltica. Campinas: Editora Livro Pleno, 2005.

_____. O holismo em Jan Smuts e a Gestalt-terapia. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v. 14, n.1, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000200002. Acesso em: 10 set. 2015.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál**. Florianópolis, 10, n. esp., 2007, p. 37-45. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-49802007000300004&script=sci_arttext. Acesso 02 fev. 2015.

LÔBO, Warlington Luz. **Psicoterapia breve gestáltica para homens com HIV/AIDS em contexto de clínica ampliada**. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Universidade Federal do Pará), 2013. Disponível em: http://www.ppgp.ufpa.br/index.php?option=com_content&view=article&id=49&Itemid=58. Acesso em: 12 ago. 2015.

LOFFREDO, Ana Maria. **A cara e o rosto**: ensaio sobre gestalt-terapia. São Paulo: Escuta, 1994.

MAIA, João Vitor Moreira; FREIRE, José Célio; OLIVEIRA, Mariana Alves de. "Versando sentidos" sobre o processo de aprendizagem em gestalt-terapia. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v.18, n.2, p. 179-187, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000200008. Acesso em: 18 out. 2015.

MARTUCELLI, Fátima Aparecida Gomes. **Presença, escuta e compreensão integrativa**: um olhar dialógico sobre a relação médico-paciente. Dissertação (Mestrado em Psicologia clínica, Pontifícia Univerisdade Católica de São Paulo), 2011. Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/22/TDE-2011-11-16T07:49:11Z-11746/Publico/FATIMA%20APARECIDA%20GOMES%20MARTUCELLI.pdf. Acesso em: 22 nov. 2015.

MATTAR, Cristine Monteiro. Três perspectivas em psicoterapia infantil: existencial, não diretiva e Gestalt-terapia. **Contextos Clínicos**. v.3, n.2, p. 76-87, julho-dezembro, 2010. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/4564>. Acesso em: 20 ago. 2015.

MELO, Anna Karynne da Silva; BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; STOLTENBORG, Violeta. Reconstruindo sentidos na interface de histórias: uma discussão fenomenológico-existencial da constituição do sujeito *borderline*. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v.15, n.2, 2009. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672009000200009&script=sci_arttext>. Acesso em: 12 nov. 2015.

MESQUITA, Giovana Reis. O *Aqui-e-agora* na Gestalt-Terapia: um Diálogo com a Sociologia da Contemporaneidade. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v.17, n.1, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000100009> Acesso em: 18 set. 2015.

MÖLLER, Cínthia Vieira; ANDRADE, Celana Cardoso. A sexualidade feminina pela perspectiva da gestalt-terapia: uma pesquisa qualitativa-fenomenológica. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v.17, n.1, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000100003>. Acesso em: 22 nov. 2015.

MOREIRA, Virginia. A Gestalt-terapia e a abordagem centrada na pessoa são enfoques fenomenológicos? **Revista da Abordagem Gestaltica**. v.15, n.1, 2009. p. 3-12. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672009000100002&script=sci_abstract> Acesso em: 12 dez. 2015.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho; NEVES, Edwiges de Oliveira. O surgimento da clínica psicológica: da prática curativa aos dispositivos de promoção da saúde. **Psicologia ciência e profissão**, v. 27, n. 4, p. 608-621, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98932007001200004&script=sci_abstract>. Acesso 20 fev. 2016.

NADAI, Kamila Nogueira Gabriel de; JARDIM, Adriano Pereira. Gestalt-terapia e física quântica: um diálogo possível. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v.16, n.2, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672010000200005&script=sci_arttext> Acesso em: 22 nov.2015.

NASCIMENTO, Lázaro Castro Silva; VALE, Kamilly Souza do. Reflexões acerca do fazer ético na clínica gestáltica: um estudo exploratório. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v.19, n.2, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000200003> Acesso em: 15 out. 2015.

NICARETTA, Marcelo M. Desnaturalizando o fim social da psicologia clínica. In: HOLANDA, Adriano Furtado (org.). **O campo das psicoterapias: reflexões atuais**. Curitiba: Juruá, 2012.

NUNES, Arlene Leite; HOLANDA, Adriano Furtado. Compreendendo os transtornos alimentares pelos caminhos da gestalt-terapia. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v. 14, n. 2, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672008000200004&script=sci_arttext> Acesso em: 10 set. 2015.

OLIVEIRA, Ingrid Bergma da Silva. **Tecendo saberes**: fenomenologia do tratamento da dependência química. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Universidade Federal do Pará), 2007. Disponível em:

<http://www.ppgp.ufpa.br/index.php?option=com_content&view=article&id=49&Itemid=58>. Acesso em: 12 ago. 2015.

PERLS, Friederick S. **Ego, fome e agressão**: uma revisão da teoria e do método de Freud. São Paulo: Summus, 2002.

_____; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

PIMENTEL, Adelma do Socorro Gonçalves. Psicoterapia e clínica ampliada: diferenciando horizontes interventivos. In: HOLANDA, Adriano Furtado (org.). **O campo das psicoterapias**: reflexões atuais. Curitiba: Juruá, 2012.

PIMENTEL, Adelma do Socorro Gonçalves; ARAÚJO, Lucivaldo da Silva. Hermenêutica gestáltica de uma violência sexual intrafamiliar. **Psicologia em Estudo**. v.14, n.4, p. 659-667, out./dez, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722009000400006&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso 08 ago. 2015.

PIMENTEL, Adelma do Socorro Gonçalves; VALE, Kamilly Souza; ANDRADE, Lorena Schalken de; SOUZA, Márcia Nami Endo; CORDOSO, Mylena Nahum Sousa. **Psychology**, 2016, 7, 114-119. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4236/psych.2016.71013>>. Acesso: 28 mar 2016.

PINTO, Ênio Brito. Gestalt-terapia de curta duração para clérigos católicos: elementos para a prática clínica. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). **Revista da Abordagem Gestáltica**. v. 13, n. 1, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672007000100017&script=sci_arttext>. Acesso em: 03 jan. 2016.

_____. As ciências da religião, a psicologia da religião e a gestalt-terapia: em busca de diálogos. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v.14, n.1, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000100010>. Acesso em: 15 nov. 2015.

_____. A experiência emocional atualizadora em gestalt-terapia de curta duração. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**. v.9, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v9n1/artigos/pdf/v9n1a07.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2015.

POLSTER, Erving; POLSTER, Miriam. **Gestalt-terapia integrada**. São Paulo: Summus, 2001.

POPPA, Carla Cristina. **O processo de crescimento em Gestalt - terapia**: um diálogo com a teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), 2013. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/22/TDE-2013-06-05T06:27:38Z-13647/Publico/Carla%20Cristina%20Poppa.pdf>. Acesso em: 10 set. 2015.

PRESTRELO, Eleonôra Torres. A história da Gestalt-terapia no Brasil: “peles-vermelhas” ou “caras-pálidas”? In: JACÓ-VILELA, Ana Maria, CERREZZO, Antônio

Carlos; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde (orgs.). **Clio-psyché: fazeres e dizeres psi na história do Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012, p. 88-96. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso 20 março 2015.

REIS, Alice Casanova dos. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do psicólogo. **Psicologia: Ciência e Profissão**. V.34, p. 142-157, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932014000100011&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 10 set. 2015.

REIS, Klézio Kleber Teixeira dos. **Uma hermenêutica da tentativa de suicídio praticada por homens**. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Universidade do Pará, Belém) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2014. Disponível em: <<http://www.ppgp.ufpa.br/KL%C3%89ZIO%20KLEBER%20TEIXEIRA%20DOS%20REIS.pdf>>. Acesso em: 20 março 2015.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia: refazendo um caminho**. 6.ed. São Paulo: Summus, 1985.

_____. A resistência olha a resistência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. v. 23, n. especial, p. 73-78, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v23nspe/13.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2016.

_____. **Conceito de mundo e de pessoa em Gestalt-terapia: revisitando o caminho**. São Paulo: Summus, 2011.

RIBEIRO, Walter Ferreira da Rosa. **Existência → Essência**. São Paulo: Summus, 1998.

_____. Alcances e limites da Gestalt-terapia [Versão digital]. **Centro de Estudos em Gestalt-terapia**. DF: CEGEST, 2006. Disponível em: <<http://www.cegest.org.br/paginas/colunas/walterAntigos/walter2006set.html>>. Acesso 24 fev. 2015.

_____. Gestalt-Terapia no Brasil: recontando a nossa história. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v. 13, n.2, 2007a. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000200010>. Acesso em: 10 out. 2015.

ROBINE, Jean Marie. La Gestalt-thérapie va-t-elle oser développer son paradigme post-moderne? **Estudos e Pesquisa em Psicologia**. RJ: UERJ, ano 5, 1, 1º. Semestre, 2005, p. 102-126. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/11160>>. Acesso 24 fev. 2015>.

RODRIGUES, Priscila; NUNES, Arlene Leite. Brincar: um olhar gestáltico. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v. 16, n.2, p. 189-198, jul-dez, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672010000200009&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 ago. 2015.

SAMPAIO, Mariana Miranda Autran. Neutralidade na relação terapêutica - reflexões a partir da abordagem gestáltica. **Revista Arquivos Brasileiros de Psicologia**. v. 56, n. 1, 2004, p. 49-56. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672004000100005>. Acesso em: 20 nov. 2015.

SANTANA, Djeane da Silva; YANO, Luciane Patrícia. Experimentos em gestalt-terapia: os sonhos como recurso integrativo. **Revista do NUFEN**. v.6, n.2, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2175-25912014000200007&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 nov. 2015.

SANTOS, Ívena Pérola do Amaral. Fenomenologia do Onírico: A Gestalt-Terapia e a Daseinsanálise. **Psicologia: Ciência e Profissão**. v.24, n.1, 2004, p.36-43. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v24n1/v24n1a05.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sidney Ellen. **História da psicologia moderna**. 15.ed. São Paulo: editora Cultrix, 1992.

SERBENA, Carlos Augusto; RAFFAELLI, Rafael. Psicologia como disciplina científica e discurso sobre a alma: problemas epistemológicos e ideológicos. **Psicologia em estudo**. Maringá. v. 8, n.1, jan./jun, 2003, p. 31-37. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722003000100005&script=sci_arttext>. Acesso 02 ago. 2015.

SILVA, Carolina; ARRELIAS, Lívia. Ludoterapia gestaltica: dois casos clínicos. **Revista do NUFEN**. V.2, n.1, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2175-25912010000100004&script=sci_arttext>. Acesso 02 ago. 2015.

SILVA, Rafaella Brito e; e BOAVENTURA, Carolina Brum Faria. Psico-oncologia e gestalt-terapia: uma comunicação possível e necessária. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v.17, n.1, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000100007>. Acesso em: 10 set. 2015.

SILVEIRA, Teresinha Mello; PRESTRELO, Eleonôra Torres. A historia da Gestalt-terapia na UERJ: um olhar que lhe atribui forma... s.a. Disponível em: <<http://www.laboratoriogestaltico.uerj.br/publicacoes/equipe/psicologia45anos.pdf>>. Acesso 15 ago. 2015.

SIMÕES, Érica de Nazaré Marçal Elmescany. **Contribuicoes da arteterapia no cuidado de mulheres em tratamento do câncer de mama**. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Universidade Federal do Pará), 2008. Disponível em: <http://www.ppgp.ufpa.br/index.php?option=com_content&view=article&id=49&Itemid=58>. Acesso em: 12 ago. 2015.

SOARES, Luciana Loyola Madeira. A Gestalt-terapia na universidade: da f(ô)rma à boa forma. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**. v. 9, n.1, p. 150-161, 2009.

Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v9n1/artigos/pdf/v9n1a12.pdf>. Acesso 08 ago. 2015>.

SUASSUNA, Danilo; HOLANDA, Adriano Furtado. **'Histórias' da Gestalt-terapia no Brasil: um estudo historiográfico**. Curitiba: Juruá, 2009.

TAVARES, Jackeline Paulla; ANDRADE, Celana Cardoso. A escuta fenomenológica comprometida pela ótica religiosa de uma gestalt-terapeuta. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v. 15, n.1, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672009000100004>. Acesso em: 12 out. 2015.

TELLEGEN, Therese Amelie. **Gestalt e grupos uma perspectiva sistêmica**. São Paulo: Summus, 1984.

TORRES, Andre Roberto Ribeiro. Sentimento de inadequação, prática psicológica e contemporaneidade. In: ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto. (org.) **Psicoterapia e Brasilidade**. São Paulo: Cortez, 2011.

TSALLIS, Alexandra C. Palhaços: uma possível reflexão para a gestalt-terapia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. v.9, n.1, p. 139-151, 2009. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/9140/7515>>. Acesso em: 12 dez. 2015.

VALE, Kamilly Souza do. **A relação conjugal em debate: uma análise gestáltica**. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Universidade Federal do Pará), 2011. Disponível em: <http://www.ppgp.ufpa.br/index.php?option=com_content&view=article&id=49&Itemid=58>. Acesso em: 12 ago. 2015.

VERAS, Roberto Peres. Iluminação: diálogos entre a Gestalt-terapia e o Zen-budismo. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). **Revista da Abordagem Gestaltica**. v. 14, n. 1, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000100019>. Acesso em: 20 nov. 2015.

VIEIRA, Érico Douglas; VANDENBERGHE, Luc. Reflexões sobre gestalt-terapia e psicodrama a partir do movimento de integração em psicoterapia. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v.17, n.1, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672011000100011&script=sci_arttext>. Acesso em: 22 nov. 2015.

_____. Possibilidades de diálogos entre abordagens humanistas: escutando vivências de psicodramatistas e gestalt-terapeutas. **Psicologia em Estudo**. v.19, n.1, 2014^a, p. 157-167, jan./mar. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287132425017>>. Acesso em: 05 ago. 2015.

_____. A percepção de psicodramatistas e gestalt-terapeutas sobre os fatores facilitadores de integração entre as suas abordagens. **Aletheia**. n.43-44, 2014b.

Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-03942014000100005&script=sci_arttext>. Acesso em: 28 set. 2015.

VIEIRA, Érico Douglas; OLIVEIRA, Jeane Franco de; FERREIRA, Ludimila Gomes de Assis. O conflito indivíduo versus sociedade nas perspectivas do psicodrama e da gestalt-terapia. **Revista Brasileira de Psicodrama**. v. 21, n. 2, p. 157-167, jan./mar., 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932013000200006>. Acesso em: 20 out. 2015.

YONTEF, Gary M. **Processo, diálogo, awareness**: ensaios em gestalt-terapia. 2.ed. São Paulo: Summus, 1998.

APÊNDICE A - Modelo de Ficha

Código:			
Título da obra:			
Autor(es):			
Base de dados:			
Fonte:			
Idioma:			
Ano:	Volume:	Número:	Paginação:
Tipo de publicação: () Artigo () Dissertação () Tese			
Área da temática:			
Tipo de pesquisa: () Teórica () De campo () Relato de experiência () Estudo de caso () Revisão de literatura () Resenha () Ensaio			
Método: () Qualitativo () Quantitativo () Qualitativa e Quantitativa			
Detalhamento:			
Objetivo:			
Síntese dos resultados/Conclusões:			
Observações:			
Referência:			

APÊNDICE B - Tabela de Obras Analisadas

LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO				
ANO	CÓDIGO	TÍTULO	AUTOR(ES)	REFERÊNCIAS
2004	1	Fenomenologia do Onírico: A Gestalt-Terapia e a Daseinsanálise	Ívena Pérola do Amaral Santos	SANTOS, Ívena Pérola do Amaral. Fenomenologia do Onírico: A Gestalt-Terapia e a Daseinsanálise. Psicologia: Ciência e Profissão. v.24, n.1, p.36-43, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pcp/v24n1/v24n1a05.pdf . Acesso em: 20 nov. 2015.
	2	Neutralidade na relação terapêutica - reflexões a partir da abordagem gestáltica	Mariana Miranda Autran Sampaio	SAMPAIO, Mariana Miranda Autran. Neutralidade na relação terapêutica - reflexões a partir da abordagem gestáltica. Revista Arquivos Brasileiros de Psicologia. v. 56, n. 1, p. 49-56, 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672004000100005 . Acesso em: 20 nov. 2015.
2005	3	Hiperatividade: Doença ou Essência - Um Enfoque da Gestalt-Terapia	Sheila Antony Jorge Ponciano Ribeiro	ANTONY, Sheila; RIBEIRO, Jorge Ponciano. Hiperatividade: doença ou essência - um enfoque da gestalt-terapia. Psicologia: Ciência e Profissão. v. 25, n. 2, 2005, p. 186-197. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pcp/v25n2/v25n2a03.pdf . Acesso em: 15 nov. 2015.
	4	A prática da psicoterapia infantil na visão de terapeutas nas seguintes abordagens: psicodrama, Gestalt terapia e centrada na pessoa	Maria Ivone Marchi Costa Cristina Maria Souza Brito Dias	COSTA, Maria Ivone Marchi; DIAS, Cristina Maria Souza Brito. A prática da psicoterapia infantil na visão de terapeutas nas seguintes abordagens: psicodrama, Gestalt terapia e centrada na pessoa. Estudos de Psicologia. v. 22, n. 1, p. 43-51 jan – março, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2005000100006&script=sci_arttext . Acesso em: 12 out.2015.
2006	5	A relação do homem com o trabalho na contemporaneidade: uma visão crítica fundamentada na Gestalt-Terapia	Mônica Botelho Alvim	ALVIM, Mônica Botelho. A relação do homem com o trabalho na contemporaneidade: uma visão crítica fundamentada na Gestalt-Terapia. Estudos e Pesquisas em Psicologia. v.6, n.2, 2006. Disponível em: http://www.revispsi.uerj.br/v6n2/artigos/pdf/v6n2a10.pdf . Acesso em: 17 dez. 2015.

2007	6	“Incríveis infratores” – adolescentes estigmatizados em encontro com a gestalt-terapia	Nara Cristina Leão	LEÃO, Nara Cristina. “Incríveis infratores” – adolescentes estigmatizados em encontro com a gestalt-terapia. Revista da Abordagem Gestáltica. v. XIII, n. 1, p. 51-61, jan-jun, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672007000100004&script=sci_arttext . Acesso em: 17 dez. 2015.
	7	Experiência Estética e corporeidade: fragmentos de um diálogo entre GestaltTerapia, Arte e Fenomenologia	Mônica Botelho Alvim	ALVIM, Mônica Botelho. Experiência Estética e corporeidade: fragmentos de um diálogo entre GestaltTerapia, Arte e Fenomenologia. Estudos e Pesquisas em Psicologia. v.7, n. 1, p. 138-146, abr, 2007. Disponível em: http://www.revispsi.uerj.br/v7n1/artigos/pdf/v7n1a12.pdf . Acesso em: 18 nov. 2015.
	8	Gestalt-terapia: metodológica da atualização performática improvisativa da performance figura e fundo, performática da forma, performática da ação, performática do contato, performática da atualização	Afonso Henrique Lisboa da Fonseca	FONSECA, Afonso Henrique Lisboa da. Gestalt-terapia: metodológica da atualização performática improvisativa da performance figura e fundo, performática da forma, performática da ação, performática do contato, performática da atualização. Estudos e Pesquisas em Psicologia. v.9, n.1, p. 28-36, 2007. Disponível em: http://igt.psc.br/ojs2/index.php/igtnarede/artic le/viewFile/1917/2615 . Acesso em: 15 nov. 2015.
	9	A Resistência Olha a Resistência	Jorge Ponciano Ribeiro	RIBEIRO, Jorge Ponciano. A resistência olha a resistência. Psicologia: Teoria e Pesquisa. v. 23, n. especial, p. 73-78, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ptp/v23nspe/13.pdf . Acesso em: 12 jan. 2016.
2008	10	Vivez e Luto Sob a Luz da Gestalt-Terapia: Experiências de Perdas e Ganhos	Lívia Cardoso Ferreira, Nara Cristina Leão e Celana Cardoso Andrade	FERREIRA, Lívia Cardoso; LEÃO, Nara Cristina; ANDRADE, Celana Cardoso. Vivez e luto sob a luz da gestalt-terapia: experiências de perdas e ganhos. Revista da Abordagem Gestáltica. v. 14, n.2, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000200002 . Acesso em: 10 set. 2015.
	11	Compreendendo os Transtornos Alimentares pelos Caminhos da Gestalt-Terapia	Arlene Leite Nunes e Adriano Holanda	NUNES, Arlene Leite; Holanda, Adriano Furtado. Compreendendo os transtornos alimentares pelos caminhos da gestalt-terapia. Revista da Abordagem Gestáltica. v. 14, n. 2, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672008000200004&script=sci_arttext . Acesso em: 10 set. 2015.

	12	Gestalt-terapia e terapia sistêmica: o corpo em psicoterapia	Marília Toscano de Araujo Gurgel	GURGEL, Marília Toscano de Araujo. Gestalt-terapia e terapia sistêmica: o corpo em psicoterapia. Fractal Revista de Psicologia. v. 20, n. 1, p. 253-268, Jan./Jun., 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/fractal/v20n1/a23v20n1.pdf . Acesso em: 10 out. 2015.
2009	13	A criança com transtorno de ansiedade: seus ajustamentos criativos defensivos	Sheila Maria da Rocha Anthony	ANTHONY, Sheila Maria da Rocha. A criança com transtorno de ansiedade: seus ajustamentos criativos defensivos. Revista da Abordagem Gestáltica. v. 15, n.1, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672009000100009&script=sci_arttext . Acesso em: 12 ago. 2015.
	14	Os ajustamentos criativos da criança em sofrimento: uma compreensão da gestalt-terapia sobre as principais psicopatologias da infância	Sheila Maria da Rocha Antony	ANTHONY, Sheila Maria da Rocha. Os ajustamentos criativos da criança em sofrimento: uma compreensão da gestalt-terapia sobre as principais psicopatologias da infância. Estudos e Pesquisa em Psicologia. v.9, n.2, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000200007&lng=es&nrm=is&lng=pt . Acesso em: 12 out. 2015.
	15	Criatividade na Gestalt-terapia	Patrícia Albuquerque Lima	LIMA, Patrícia Albuquerque. Criatividade na Gestalt-terapia. Estudos e Pesquisa em Psicologia. v. 9, n.1, 2009. Disponível em: http://www.revispsi.uerj.br/v9n1/artigos/pdf/v9n1a08.pdf . Acesso em: 12 out. 2015.
	16	O cuidado na saúde e na doença: uma perspectiva gestáltica	Karina Okajima Fukumitsu, Flaviana Cavalcante e Marcelo Borges	FUKUMITSU, Karina Okajima; CAVALCANTE, Flaviana; BORGES, Marcelo. O cuidado na saúde e na doença: uma perspectiva gestáltica. Estudos e Pesquisa em Psicologia. v.9, n.1, p. 174-184, 2009. Disponível em: http://www.revispsi.uerj.br/v9n1/artigos/pdf/v9n1a14.pdf . Acesso em: : 12 out. 2015.
	17	A escuta fenomenológica comprometida pela ótica religiosa de uma gestalt-terapeuta	Jackeline Paulla Tavares e Celana Cardoso Andrade	TAVARES, Jackeline Paulla; ANDRADE, Celana Cardoso. A escuta fenomenológica comprometida pela ótica religiosa de uma gestalt-terapeuta. Revista da Abordagem Gestáltica. v. 15, n.1, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672009000100004 . Acesso em: 12 out. 2015.
	18	A experiência emocional atualizadora em Gestalt-terapia de curta duração	Ênio Brito Pinto	PINTO, Ênio Brito. A experiência emocional atualizadora em gestalt-terapia de curta duração. Estudos e Pesquisa em Psicologia. v.9, n. 1, 2009. Disponível em: http://www.revispsi.uerj.br/v9n1/artigos/pdf/v9n1a07.pdf . Acesso em: 12 out. 2015.

19	Grupos terapêuticos na abordagem gestáltica: uma proposta de atuação clínica em comunidades	Cláudia Lins Cardoso	CARDOSO, Cláudia Lins. Grupos terapêuticos na abordagem gestáltica: uma proposta de atuação clínica em comunidades. Estudos e Pesquisa em Psicologia. v. 9, n.1, p. 124-138, 2009. Disponível em: http://www.revispsi.uerj.br/v9n1/artigos/pdf/v9n1a10.pdf . Acesso em: 12 out. 2015.
20	Reflexões sobre o contrato terapêutico como instrumento de autorregulação do terapeuta	Gladys Costa de Moraes Rêgo Macedo D'Acri	D'ACRI, Gladys Costa de Moraes Rêgo Macedo. Reflexões sobre o contrato terapêutico como instrumento de autorregulação do terapeuta. Revista da Abordagem Gestáltica. v. 15, n.1, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672009000100007 . Acesso em: 12 out. 2015.
21	Reconstruindo sentidos na interface de histórias: uma discussão fenomenológico-existencial da constituição do sujeito borderline	Anna Karynne da Silva Melo; Georges Daniel Janja Bloc Boris; Violeta Stoltenborg	MELO, Anna Karynne da Silva; BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; STOLTENBORG, Violeta. Reconstruindo sentidos na interface de histórias: uma discussão fenomenológico-existencial da constituição do sujeito borderline. Revista da Abordagem Gestáltica. v.15, n.2, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672009000200009&script=sci_arttext . Acesso em: 12 nov. 2015.
22	Um olhar fenomenológico sobre a questão da saúde e da doença: a cura do ponto de vista da Gestalt-terapia	Loeci Maria Pagano Galli	GALLI, Loeci Maria Pagano. Um olhar fenomenológico sobre a questão da saúde e da doença: a cura do ponto de vista da gestalt-terapia. Estudos e Pesquisa em Psicologia. v.9, n.1, 2009. Disponível em: http://www.revispsi.uerj.br/v9n1/artigos/pdf/v9n1a06.pdf . Acesso em: 12 dez. 2015.
23	Reflexões sobre a relação psicoterapêutica: diálogos com Merleau-Ponty	Joannelies e de Lucas Freitas	FREITAS, Joanneliese de Lucas. Reflexões sobre a relação psicoterapêutica: diálogos com Merleau-Ponty. Revista da Abordagem Gestaltica. v.15, n.2, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672009000200005&script=sci_arttext . Acesso em: 12 dez. 2015.
24	Palhaços: uma possível reflexão para a Gestalt-terapia	Alexandra C. Tsallis	TSALLIS, Alexandra C. Palhaços: uma possível reflexão para a gestalt-terapia. Estudos e Pesquisas em Psicologia. v.9, n.1, p. 139-151, 2009. Disponível em: http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/9140/7515 . Acesso em: 12 dez. 2015.
25	O lugar da experimentação no trabalho clínico em Gestalt-terapia	Mônica Botelho Alvim e Jorge Ponciano	ALVIM, Mônica Botelho; RIBEIRO, Jorge Ponciano. O lugar da experimentação no trabalho clínico em gestalt-terapia. Estudos e Pesquisas em Psicologia. v. 9, n.1, p. 36-57, 2009. Disponível em:

		Ribeiro	http://www.revispsi.uerj.br/v9n1/artigos/pdf/v9n1a05.pdf . Acesso em: 12 dez. 2015.
26	Intimidade – o incomum lugar comum num universo de alheios	Luciana Bicalho Cavanellas	_CAVANELLAS, Luciana Bicalho. Intimidade – o incomum lugar comum num universo de alheios. Estudos e Pesquisas em Psicologia. v.9, n.1, p.162-171, 2009. Disponível em: http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/9142/7517 . Acesso 10 ago. 2015.
27	Implicações dos Comportamentos Repetitivos no Contexto das Relações Amorosas	Thatianny Bezerra Moreira Ferreira	FERREIRA, Thatianny Bezerra Moreira. Implicações dos comportamentos repetitivos no contexto das relações amorosas. Revista da Abordagem Gestáltica. v.15, n.1, p.30-35, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672009000100005&script=sci_arttext . Acesso 08 ago. 2015.
28	Brincar: um olhar gestáltico	Priscila Rodrigues e Arlene Leite Nunes	RODRIGUES, Priscila; NUNES, Arlene Leite. Brincar: um olhar gestáltico. Revista da Abordagem Gestaltica. v. 16, n.2, p. 189-198, jul-dez, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672010000200009&script=sci_arttext . Acesso em: 20 ago. 2015.
29	Três perspectivas em psicoterapia infantil: existencial, não diretiva e Gestalt-terapia	Cristine Monteiro Mattar	MATTAR, Cristine Monteiro. Três perspectivas em psicoterapia infantil: existencial, não diretiva e Gestalt-terapia. Contextos Clínicos. v.3, n.2, p. 76-87, julho-dezembro, 2010. Disponível em: http://revistas.unisinus.br/index.php/contexto_sclinicos/article/view/4564 . Acesso em: 20 ago. 2015
30	“Pode deixar que eu resolvo!” – retroflexão e contemporaneidade de	Mônica Botelho Alvim. Emmanuel a Bomben e Natália Carvalho	ALVIM, Mônica Botelho; BOMBEN, Emmanuela; CARVALHO, Natália. “Pode deixar que eu resolvo!” – retroflexão e contemporaneidade. Revista da Abordagem Gestáltica. v.16, n.2, p. 183-188, jul-dez, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672010000200008&script=sci_arttext . Acesso em: 18 set. 2015.
31	Reflexões sobre a prática clínica em gestalt-terapia: Possibilidades de acesso à experiência do cliente	Josiane Maria Tiago de Almeida	ALMEIDA, Josiane Maria Tiago de. Reflexões sobre a prática clínica em Gestalt-terapia: possibilidades de acesso à experiência do cliente, 2010. Revista da Abordagem Gestáltica. v.16, n.2, Goiânia, dez. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672010000200012&script=sci_arttext . Acesso 02 ago. 2015.
32	Ludoterapia gestaltica: dois casos clínicos	Carolina Silva e Lívia Arrelias	_SILVA, Carolina; ARRELIAS, Lívia. Ludoterapia gestaltica: dois casos clínicos. Revista do NUFEN. V.2, n.1, 2010. Disponível em:

			http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2175-25912010000100004&script=sci_arttext Acesso 02 ago. 2015.
	33	Gestalt-terapia e o diálogo psicológico no hospital: Uma reflexão	Joannelies e de Lucas Freitas; Nutty Nadir Stroiiek; Débora Botin _FREITAS, Joanneliese de Lucas; STROIEK, Nutty Nadir; BOTIN, Débora. Gestalt-terapia e o diálogo psicológico no hospital: uma reflexão. Revista da Abordagem Gestáltica. v.16, n.2, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672010000200003&script=sci_arttext . Acesso em: 22 nov.2015.
2011	34	Clínica gestáltica infantil e integralidade em uma unidade básica de saúde	Bruna Gonçalves Campos; Tatiana Bruno de Toledo; Nilton Júlio de Faria _CAMPOS, Bruna Gonçalves; TOLEDO, Tatiana Bruno de; FARIA, Nilton Júlio de. Clínica gestáltica infantil e integralidade em uma unidade básica de saúde. Revista da Abordagem Gestaltica. v.17, n.1, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672011000100005&script=sci_arttext . Acesso em: 19 set. 2015.
	35	O Aqui-e-agora na Gestalt-Terapia: um Diálogo com a Sociologia da Contemporaneidade	Giovana Reis Mesquita MESQUITA, Giovana Reis. O Aqui-e-agora na Gestalt-Terapia: um Diálogo com a Sociologia da Contemporaneidade. Revista da Abordagem Gestáltica. v.17, n.1, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000100009 . Acesso em: 18 set. 2015.
	36	Ontologia da carne em merleau-ponty e a situação Clínica na gestalt-terapia: entrelaçamentos	Monica Botelho Alvim ALVIM, Mônica Botelho. Ontologia da carne em merleau-ponty e a situação Clínica na gestalt-terapia: entrelaçamentos. Revista da Abordagem Gestáltica. v.17, n.1, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672011000200005&script=sci_arttext . Acesso em: 18 set. 2015.
	37	Psico-oncologia e Gestalt-terapia: uma Comunicação Possível e Necessária	Rafaella Brito e Silva e Carolina Brum Faria Boaventura SILVA, Rafaella Brito e; e BOAVENTURA, Carolina Brum Faria. Psico-oncologia e gestalt-terapia: uma comunicação possível e necessária. Revista da Abordagem Gestáltica. v.17, n.1, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000100007 . Acesso em: 10 set. 2015.
	38	Reflexões sobre Gestalt-Terapia e Psicodrama a partir do Movimento de Integração em Psicoterapia	Érico Douglas Vieira e Luc Vandenberghe VIEIRA, Érico Douglas; VANDENBERGHE, Luc. Reflexões sobre gestalt-terapia e psicodrama a partir do movimento de integração em psicoterapia. Revista da Abordagem Gestáltica. v.17, n.1, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672011000100011&script=sci_arttext . Acesso em: 22 nov. 2015.

2012	39	A clínica como poética	Mônica Botelho Alvim	ALVIM, Mônica Botelho. A clínica como poética. Estudos e Pesquisa em Psicologia. v. 12, n.3, p. 1007-1023, 2012. Disponível em: http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/8234 . Acesso em: 20 out. 2015.
2013	40	Reflexões Acerca do Fazer Ético na Clínica Gestáltica: Um Estudo Exploratório	Lázaro Castro Silva Nascimento ou Kamilly Souza do Vale	NASCIMENTO, Lázaro Castro Silva; VALE, Kamilly Souza do. Reflexões acerca do fazer ético na clínica gestáltica: um estudo exploratório. Revista da Abordagem Gestáltica. v.19, n.2, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000200003 . Acesso em: 15 out. 2015.
	41	Suicídio e Manejo Psicoterapêutico em Situações de Crise: Um a Abordagem Gestáltica	Karina O. Fukumitsu Karen Scavacini	FUKUMITSU, Karina O.; SCAVACINI, Karen. Suicídio e Manejo Psicoterapêutico em Situações de Crise: Um a Abordagem Gestáltica. Revista da Abordagem Gestáltica. v.19, n.2, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000200007 . Acesso em: 02 nov. 2015.
2014	42	Arteterapia: a Arte como Instrumento no Trabalho do Psicólogo	Alice Casanova dos Reis	REIS, Alice Casanova dos. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do psicólogo. Psicologia: Ciência e Profissão. V.34, n. , p. 142-157, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932014000100011&script=sci_abstract&lng=pt . Acesso em: 10 set. 2015.
	43	Experimentos em gestalt-terapia: os sonhos como recurso integrativo	Djeane da Silva Santana Luciane Patrícia Yano	SANTANA, Djeane da Silva; YANO, Luciane Patrícia. Experimentos em gestalt-terapia: os sonhos como recurso integrativo. Revista do NUFEN. v.6, n.2, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2175-25912014000200007&script=sci_arttext . Acesso em: 15 nov. 2015.
	44	Gestalt-terapia e psicopedagogia	Adriane Cavalcanti	CAVALCANTI, Adriane. Gestalt-terapia e psicopedagogia. Construção Psicopedagógica. V.22, n.23, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-69542014000100010&script=sci_arttext . Acesso em: 10 ago. 2015.
	45	Psicoterapeutas iniciantes: os desafios das diversidades afetivo-sexuais	Maria Alves de Toledo Bruns	BRUNS, Maria Alves de Toledo. Psicoterapeutas iniciantes: os desafios das diversidades afetivo-sexuais. Arquivos Brasileiros de Psicologia. v.63, n.1, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000100008 . Acesso em: 10 nov. 2015.

APÊNDICE C - Organograma

